



Francisco denunciou as dificuldades de acesso aos cuidados médicos

## Direito à saúde para todos

Otimizar os recursos significa utilizá-los de modo solidário

No centro de cada sistema de saúde deve estar o doente e não o dinheiro, recordou o Papa aos participantes no encontro promovido pela comissão «caridade e saúde» da Conferência episcopal italiana, recebidos em audiência a 10 de fevereiro, na Sala Clementina.

No seu discurso o Pontífice afirmou que em primeiro lugar deve ser sempre considerada «a inviolável dignidade de cada pessoa humana desde o momento da sua conceção até ao seu último respiro».

Para Francisco o «modelo empresarial» aplicado «de maneira indiscriminada» ao setor da saúde e do tratamento «corre o risco de produzir descartes humanos», alimentando «atitudes que podem levar até a especular sobre as desgraças dos outros». Por outras palavras, «otimizar os recursos, significa utilizá-los de

modo ético e solidário e não penalizar os mais frágeis».

O Papa denunciou explicitamente «a crescente pobreza no campo da

saúde entre as faixas mais carentes da população, devida precisamente à dificuldade de acesso aos tratamentos», convidando a não permanecer

indiferente, pedindo a instituições, entidades, associações e comunidades que «se multipliquem os esforços de todos para que os direitos dos mais débeis sejam tutelados».

O Papa pronunciou também palavras de apreço para o voluntariado e todos os organismos de inspiração cristã comprometidos no mundo da saúde.

Por fim, um encorajamento a visitar «com frequência» os doentes, para que não «se sintam excluídos da comunidade e possam experimentar, através da proximidade de quem vai ter com eles, a presença de Cristo». Convite que lançou também num tweet difundido hoje de manhã: «Permanecemos próximos dos irmãos e das irmãs que vivem a experiência da doença, e das suas famílias».



PÁGINA 5

No Angelus o convite a praticar a justiça

## Pleno apoio dos cardeais conselheiros ao Papa

«Em relação aos recentes acontecimentos, o conselho dos Cardeais expressa pleno apoio à obra do Papa, garantindo ao mesmo tempo adesão e pleno apoio à Sua pessoa e ao Seu Magistério». Com esta declaração teve início, no dia 13 de fevereiro, a décima oitava reunião do Santo Padre com os cardeais conselheiros. E no início dos trabalhos o cardeal Óscar Andrés Rodríguez Maradiaga, coordenador do grupo, agradeceu o Pontífice em nome de todos os membros pelas suas palavras no discurso natalício à Cúria romana no passado dia 22 de dezembro, reconhecendo o seu encorajamento e orientação para os trabalhos do Conselho.

Afeto ao Papa foi manifestado também pelos numerosos fiéis que na praça de São Pedro participaram na oração do Angelus, antes da qual Francisco comentou o sermão da montanha (Mateus 5, 17-37).

PÁGINA 3

À Civiltà Cattolica

Ponte e fronteira

PÁGINAS 8 E 9

Condenação do antisemitismo

Juntos contra o ódio

PÁGINA 13

Imigrados irregulares nos Estados Unidos

## A pequena história de Guadalupe

GIUSEPPE FIORENTINO

Guadalupe García de Rayos viveu vinte e dois anos no Arizona onde chegou ainda adolescente. Mãe de dois cidadãos norte-americanos, ela teve muitos problemas com o *Immigration and Customs Enforcement*

(Ice, a autoridade que supervisiona os procedimentos de imigração) por ter usado, em 2009, um número de previdência falsificado com o objetivo de entrar no mercado do trabalho. Não obstante a infração e depois de um breve período de detenção, foi concedida a Guadalupe a autorização para permanecer nos Estados Unidos, com a condição de uma revisão anual da sua posição. A 9 de fevereiro, durante o último destes encontros, os funcionários do Ice notificaram a ordem de expulsão. E, depois de ter sido obrigada a entrar num carro prisional, foi encaminhada para a deportação rumo ao México.

Desde 25 de janeiro, data em que o presidente Trump promulgou a ordem executiva contra a imigração ilegal, Guadalupe é considerada uma clandestina culpada de um crime federal – ou seja de ter falsificado o número de previdência social – e por esta razão não lhe é permitido residir no território norte-americano.

Na realidade, as restrições aos migrantes irregulares não são totalmente inéditas. Poucos sabem que em março de 2015, em plena administração Obama, os agentes do Ice realizaram uma operação que levou à detenção de mais de dois mil

Apelo antes da audiência geral dedicada à esperança

## Tutelar os povos indígenas

«Neste momento em que a humanidade peca gravemente, deixando de cuidar da terra», o Papa exortou os povos indígenas a não permitir as novas tecnologias «que destroem a terra» e «o equilíbrio ecológico», acabando por destruir a sabedoria ancestral destas populações. Recomendação que ressoou na manhã de 15 de fevereiro, num ambiente adjacente à sala Paulo VI onde, antes da audiência geral, o Pontífice se encontrou com os participantes no terceiro fórum internacional dos povos autóctones, convocado pelo Fundo internacional para o desenvolvimento agrícola (Ifad), do qual decorre este ano o quadragésimo aniversário de instituição.



PÁGINA 16

CONTINUA NA PÁGINA 6

Propostas do encontro no Vaticano sobre o tráfico de órgãos

## Como parar os criminosos

Onze recomendações concretas «para contrastar as práticas ilícitas e imorais do tráfico de órgãos» que governos nacionais, regionais e municipais, ministérios da saúde, magistraturas e cada realidade social no mundo deveriam pôr imediatamente em prática. Foi a proposta concreta feita durante a cimeira realizada no Vaticano, nos dias 7 e 8 de fevereiro – por iniciativa da Pontifícia Academia das ciências – e apresentada, detalhadamente, na declaração assinada por todos os participantes e publicada na conclusão dos trabalhos.

Em primeiro lugar, foi destacado, é fundamental «que todas as nações e todas as culturas reconheçam o tráfico de seres humanos para fins de extração de órgãos e o tráfico de órgãos, que incluem o uso de órgãos de presos executados e o pagamento aos doadores ou aos familiares mais próximos de doadores falecidos, como crimes que devem ser condenados no mundo inteiro e perseguidos legalmente a nível nacional e internacional». E se esta foi a recomendação inicial, a cimeira auspiciou também que «os líderes religiosos encorajem a doação ética dos órgãos e condenem o tráfico de pessoas para fins da extração de órgãos e o tráfico de órgãos». Pró-ativo foi o terceiro ponto, com o convite a todas as nações a fornecer «os recursos para alcançar a autossuficiência na doação dos órgãos a nível nacional – com uma cooperação regional, conforme as exigências – reduzindo a necessidade de transplantes através de medidas preventivas e melhorando o acesso a programas de transplante nacionais de maneira ética e regulamentada».

A quarta recomendação foi dirigida aos governos a fim de que estabeleçam «um quadro jurídico que ofereça uma base explícita para a prevenção e o julgamento de crimes relacionados com os transplantes e proteja as vítimas, independentemente do lugar onde o crime for cometido». Não faltou – eis o ponto cinco – o apelo aos profissionais de saúde a desempenhar «um controle ético e médico dos doadores e dos recebedores, que considere os êxitos a curto e longo prazo». O sexto pedido diz respeito à instituição de «registros de todas as aquisições e dos transplantes de órgãos» e à comunicação, por parte dos governos, «a bases de dados internacionais». Além disso, foi realçada, no ponto

sete, a oportunidade de desenvolver «um quadro jurídico a fim de que os profissionais de saúde e os outros profissionais possam transmitir informações sobre casos suspeitos de crimes relacionados com transplantes, no respeito pelas suas obrigações profissionais em relação aos seus doentes». Ao passo que foi dirigido expressamente às «autoridades responsáveis, com o apoio do sistema judiciário», a sugestão de investigar «sobre transplantes que se suspeita possam envolver um crime».

No ponto nove foram chamados em causa também «os fornecedores de serviços de seguros e as organizações caritativas» pedindo que «não cubram as despesas dos procedimentos de transplante que envolverem o tráfico de seres humanos para fins de extração de órgãos ou o tráfico de órgãos». E a décima recomendação prevê «que as organizações de profissionais de saúde que se ocupam de transplantes promovam entre os seus membros o conhecimento e o respeito dos instrumentos legais e das diretrizes internacionais contra o tráfico de órgãos e o tráfico de seres humanos para fins de extração de órgãos».

Concluindo, no ponto número onze, a cimeira pediu que «a Organização mundial da saúde, o Conselho da Europa, as agências das Nações Unidas, inclusive o Departamento das Nações Unidas contra o tráfico de drogas e o crime, e os outros organismos internacionais, cooperem para consentir uma recolha completa de informações sobre crimes relacionados com os transplantes, a fim de ter uma maior compreensão da sua natureza e alcance a da organização das redes criminosas envolvidas».

A questão é simples, sublinhou a declaração: trata-se de «combater estes crimes contra a humanidade através de esforços compreensivos que envolvam todas as partes em causa no mundo». Uma tomada de posição, lê-se no texto, assumida «em conformidade com as resoluções das Nações Unidas e da Assembleia mundial da saúde, da cimeira dos presidentes das Câmaras municipais das maiores cidades do mundo, hospedada no Vaticano em 2015, da declaração comum dos líderes religiosos contra as escravidões modernas de 2014 e do magistério do Papa que, em junho de 2016, na cimeira de juizes e magistrados contra o tráfico de pessoas e o crime organiza-



do, afirmou que o tráfico de órgãos e o tráfico de seres humanos para fins de extração de órgãos são verdadeiros crimes de lesa humanidade que devem ser reconhecidos tais por todas as autoridades religiosas, políticas e sociais, e sancionados pelas leis nacionais e internacionais».

«A pobreza, o desemprego e a falta de oportunidades socioeconómicas – afirma a declaração – são fatores que tornam as pessoas vulneráveis ao tráfico de órgãos e ao tráfico de seres humanos para fins de extração de órgãos». E assim precisamente «as pessoas indigentes tornam-se presas de maquinações para o tráfico de órgãos quando são induzidas a vender os próprios órgãos na busca desesperada de uma vida melhor». É o mesmo desespero que leva muitas pessoas doentes «a pagar grandes somas e a viajar para destinos estrangeiros como turistas de transplantes a fim de obter um órgão que possa mantê-los em vida, esquecendo as consequências a curto e longo prazo dos transplantes comerciais sobre a saúde».

Este crime, denunciaram os participantes na cimeira, é possível devido a «intermediários e profissionais de saúde sem escrúpulos» que ignoram «a dignidade dos seres humanos». A ponto que «os procedimentos cirúrgicos são realizados em estruturas não autorizadas, clandestinamente». Mas «o tráfico de órgãos – revela a declaração – pode verificar-se inclusive em estruturas regulares, em situações em que pessoas dispostas a vender os próprios órgãos se apresentam nos centros de transplantes como parentes ou amigos altruístas dos recebedores». Por seu lado, «os meios de comunicação – sabe-se – deram uma contribuição importante ao conhecimento público, evidenciando a chaga das pessoas vítimas deste tráfico, publicando as próprias investigações independentes sobre crimes relacionados com os transplantes e sobre profissionais de saúde corruptos e estruturas abusivas». Há, recorda a declaração, «diversos instrumentos jurídicos internacionais» que «definem, condenam e criminalizam estas práticas:

o protocolo das Nações Unidas contra o tráfico de seres humanos (protocolo de Palermo), a convenção do Conselho da Europa relativa à luta contra o tráfico de seres humanos e a convenção do Conselho da Europa contra o tráfico de órgãos humanos». Da cimeira chegou um novo «apoio» a «estes documentos», capaz de afirmar «que os profissionais dos transplantes que cometem ou favorecem estes crimes devem ser chamados a responder legalmente».

«Os instrumentos jurídicos do passado recente – lê-se na declaração – constituem uma importante ligação com a inovadora política emergente para combater a desigualdade social». E assim «o tráfico de seres humanos para fins da extração de órgãos e o tráfico de órgãos vão contra a Agenda 2030 da Assembleia geral das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável com questões de direitos humanos e justiça social, pois os pobres são explorados por causa dos seus órgãos, mas não conseguem receber um transplante se forem eles a ter necessidades».

Reconhecendo que foram dados passos em frente, a declaração não deixa de denunciar que «continuam a existir vários destinos para o turismo de transplantes no mundo, onde não existe, ou é mal aplicada, uma legislação capaz de limitar estes crimes e proteger os pobres e os indefesos». É urgente, conclui o documento, responder «à diretiva do Papa Francisco de combater o tráfico de seres humanos e o tráfico de órgãos em todas as suas formas condenáveis». Cientes dos «objetivos de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas, do protocolo de Palermo das Nações Unidas relativa ao tráfico de seres humanos, das resoluções da Assembleia mundial da saúde (2004 e 2010), da convenção do Conselho da Europa sobre o tráfico de seres humanos, da convenção do Conselho da Europa contra o tráfico de órgãos humanos, da resolução de Madrid sobre a doação e o transplante de órgãos e da declaração de Istambul para reduzir o tráfico de órgãos».

### L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação

via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +390669899420  
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.  
diretor-geral

Serviço fotográfico

telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0055123042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

No Angelus o convite a sermos cristãos de substância

# Uma justiça animada pela misericórdia

«Quem insulta o irmão, mata no próprio coração o irmão», recordou o Papa Francisco no Angelus de domingo 12 de fevereiro, na praça de São Pedro, comentando a página do “sermão da montanha” proposto pelo trecho litúrgico do Evangelho de Mateus (5, 17-37).

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

A liturgia hodierna apresenta-nos outra página do *Sermão da montanha*, que encontramos no Evangelho de Mateus (cf. 5, 17-37). Neste trecho, Jesus quer ajudar os seus ouvintes a fazer uma releitura da lei mosaica. O que foi dito na antiga aliança era verdadeiro, mas não era tudo: Jesus veio para *dar cumprimento* e para promulgar de forma definitiva a lei de Deus, até ao último jota (cf. v. 18). Ele manifesta as suas finalidades originárias e cumpre os seus aspectos autênticos, e faz tudo isto mediante a sua pregação e mais ainda com o dom de si mesmo na cruz. Assim Jesus ensina como fazer plenamente a vontade de Deus e usa esta palavra: com uma “justiça superior” em relação à dos escribas e dos fariseus (cf. v. 20). Uma justiça animada pelo amor, pela caridade, pela misericórdia, e portanto capaz de realizar a substância dos mandamentos, evitando o risco do formalismo.



Thor Carlson, «O sermão da montanha»

O formalismo: isto posso, isto não posso; até aqui posso, até aqui não posso... Não: mais, mais.

Em particular, no Evangelho de hoje Jesus examina três aspetos, três mandamentos: o homicídio, o adultério e o juramento.

Relativamente ao mandamento “não matar”, Ele afirma que foi violado não só pelo homicídio efetivo,

mas também por aqueles comportamentos que ofendem a dignidade da pessoa humana, inclusive as palavras injuriosas (cf. v. 22). Certamente, estas palavras injuriosas não têm a mesma gravidade e culpabilidade do assassínio, mas estão na mesma linha, porque são premissas destes e revelam a mesma malevolência. Jesus convida-nos a não estabelecer uma classificação das ofensas, mas a considerá-las todas prejudiciais, pois são movidas pelo intento de fazer mal ao próximo. E Jesus dá o exemplo. Insultar: estamos acostumados a insultar, é como dizer “bom dia”. E isto está na mesma linha do homicídio. Quem insulta o irmão, mata no próprio coração o irmão. Por favor, não insulteis! Não ganhamos nada...

Outro cumprimento é relativo à lei matrimonial. O *adultério* era considerado uma violação do direito de propriedade do homem sobre a mulher. Ao contrário, Jesus vai à raiz do mal. Assim como se chega ao homicídio por meio de injúrias, ofensas e insultos, também se chega ao adultério mediante as intenções de posse em relação a uma mulher que não é a própria esposa. O adultério, como o furto, a corrupção e todos os outros pecados, são concebidos primeiro no nosso íntimo e, depois de o coração ter feito a escolha errada, ganham forma no comportamento concreto. E Jesus diz: quem olha para uma mulher que não é a própria

com sentimentos de posse é um adúltero no seu coração, começou o caminho rumo ao adultério. Pensemos um pouco sobre isto: sobre os maus pensamentos que vêm nesta linha.

Depois, Jesus diz aos seus discípulos para não jurar, pois o juramento é sinal da insegurança e da duplicidade mediante a qual se desenrolam as relações humanas. Instrumentaliza-se a autoridade de Deus para dar garantia às nossas vicissitudes humanas. Pelo contrário, fomos chamados para instaurar entre nós, nas nossas famílias e nas nossas comunidades um clima de clareza e de confiança recíproca, para que possamos ser considerados sinceros sem recorrer a intervenções superiores a fim de sermos creíveis. A desconfiança e a suspeita recíproca sempre ameaçam a serenidade!

Que a Virgem Maria, mulher da dócil escuta e da obediência jubilosa, nos ajude a aproximar-nos cada vez mais do Evangelho, para sermos cristãos não “de fachada”, mas de substância! E isto é possível com a graça do Espírito Santo, que nos permite fazer tudo com amor, e assim realizar plenamente a vontade de Deus.

*No final da prece mariana o Pontífice, como de costume, dirigiu palavras de saudação aos diversos grupos presentes na praça.*

Caros irmãos e irmãs!

Saúdo todos vós peregrinos presentes, as famílias, os grupos paroquiais, as associações. Em particular, saúdo os alunos do Instituto “Carolina Coronado” de Almendralejo e os fiéis de Tarragona, na Espanha; assim como os grupos de Caltanissetta, Valgoglio, Ancona, Pesaro, Torino e Pisa, e a comunidade neocatecumenal de São Francisco de Paula de Turim.

A todos desejo um bom domingo. E não vos esqueçais: não insulteis; não olheis com maus olhos, com olhos de posse a mulher do próximo, não jureis. Três coisas que Jesus diz. É muito fácil! Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

Apresentado o logótipo da visita do Papa a Fátima



## O coração e o rosário

mente o «coração imaculado de Maria». A dupla elipse simétrica e convergente que o define no logótipo representa a pureza de Maria e o seu esvaziar-se de si mesma para se encher com o amor de Deus simbolizado pela cruz que coroa as contas do rosário, a oração insistente sugerida pela mensagem de Nossa Senhora em Fátima. Dentro do coração, idealizado pelo designer Francisco Providência, está escrito «Papa Francisco, Fátima 2017».

Embaixo da imagem colorida aparece numa delicada cor cinzenta o lema do evento «Com Maria, peregrino na esperança e na paz», e o logótipo do centenário das aparições. «O tema da paz – explicou o padre Carlos Cabecinhas, reitor do santuário e coordenador da visita do Papa – une o ministério do Papa Francisco com a mensagem de Fátima». Todo o projeto gráfico, acrescentou, pretende exprimir graficamente o espírito de misericórdia e paz do qual o Pontífice é mensageiro com estilo simples e acessível, como o santo do qual escolheu o nome. Tudo em paralelo com os símbolos mais representativos do santuário mariano português: o coração e o rosário. «O Papa – concluiu o padre Cabecinhas – vem rezar com os peregrinos e dar graças a Deus pelo grande dom que é Fátima para a Igreja e para o mundo».

O coração imaculado de Maria, delineado por um rosário estilizado e posto ao lado da silhueta do santuário de Fátima, caracteriza o logótipo da peregrinação que o Papa Francisco realizará à cidade portuguesa nos dias 12 e 13 de maio por ocasião do centenário das aparições da Virgem aos três pastorinhos. Como explicaram os organizadores, a escolha gráfica pretende exprimir o estilo simples e claro do Pontífice e ao mesmo tempo – utilizando um caráter criado pelo designer Dino Santos em 2008 – deseja prestar uma homenagem à cultura lusitana.

Portanto, um coração porque o tema condutor da viagem é precisa-



*Na tarde de domingo, 12 de fevereiro, o Papa Francisco foi visitar a cúria geral dos jesuítas em Roma para saudar o padre Adolfo Nicolás, prebósito-geral da Companhia de Jesus de 2008 a 2016 de partida para uma nova missão no Oriente*



O cardeal secretário de Estado em oração diante da gruta de Lourdes (foto de Guillermo Simón)

O secretário de Estado legado papal a Lourdes

## Quando o homem se descobre frágil

«Deus não pede que sejamos “super-heróis”. Nem sequer pede para negar que estamos a passar por dificuldades», talvez «usando a máscara de um homem ou de uma mulher “superior” ao que o humilha ou limita. Deus pede que lhe demos crédito e que confiemos n’Ele». O cardeal Pietro Parolin, legado papal a Lourdes para a celebração do vigésimo quinto dia mundial do doente, ofereceu esta imagem de certeza confortante à multidão reunida na pequena cidade mariana.

O secretário de Estado presidiu à celebração da missa internacional na manhã de sábado, 11 de fevereiro, re-lançando a exortação a «não ter medo» porque o Senhor «se faz próximo, não se esquece de nós; nós somos importantes para ele; somos aqueles com os quais ele quer partilhar a sua própria vida».

Ao comentar as leituras litúrgicas, o purpurado convidou os doentes

qual a jovem Maria começará a fazer parte: a família real» mas também a «que levou Israel à divisão e à ruína por ter escolhido os ídolos em vez do verdadeiro Deus». Em síntese, «a família na qual não ressoa o “eis-me” recíproco que guiou a vida do rei David», aquela «que levou Israel a desaparecer do mapa». E entrando na casa de David, a esposa de José despoja-se de si mesma: «É chamada a deixar tudo para fazer a experiência da pobreza e da exclusão que a história reserva a quantos, de uma maneira ou de outra e por vários motivos, se perderam» sendo privados da estima, do apreço e ao mesmo tempo da benevolência da comunidade de pertença. Surgem então as perguntas do cardeal Parolin, que são um convite a refletir: «Não foi esta a mesma experiência que fizemos no momento da doença, do sofrimento, da fragilidade, da morte? Vivendo estes momentos não nos encontramos de repente despojados, privados dos hábitos diários? Quantos se sentiram num estado de pobreza radical, mais habitado pela escuridão do que pela luz? Quantos sentiram de repente que se tornaram um peso para si mesmos e para os outros? Quantos se sentiram ou foram transformados em objetos, números,

a procurar e a construir o diálogo do “eis-me”, o diálogo que nos torna crentes, fá-lo não como uma pobre, que sabe bem o que significa tudo ao que gira em volta do tempo do sofrimento e da fragilidade porque o viveu primeiro».

De resto, prosseguiu, «Cristo abre a porta da alegria, do amor a todos, independentemente da língua, do povo, da cultura, da cor da pele». E por conseguinte o tempo da doença e da morte tem que ser enfrentado conjuntamente «com ele como “vivos”,

assim como ele mesmo estava “vivo” na hora da cruz».

Na noite precedente, sexta-feira 19, o legado pontifício saudou os participantes na tradicional procissão *aux flambeaux* que precede a celebração principal. Diante da gruta de Massabielle, o cardeal Parolin falou da fragilidade. «Em tempos – disse – nos quais a autonomia, diria a autossuficiência, é exaltada como um valor absoluto, todos precisamos de reconsiderar o ser humano para descobrir que uma das suas características intrínsecas é a dependência, a não-autossuficiência. A pessoa humana, em cada fase da sua existência, está ciente dos próprios limites físicos, caracteriais, espirituais, da incapacidade de se bastar a si mesmo, da necessidade constante do outro». E «a doença, quando acontece, esclarece tudo isto talvez com nenhuma outra experiência». Ela leva o ser humano a viver de maneira «inequívoca a interrupção de algumas relações, a solidão, a perda de algumas liberdades e oportunidades. Mas – concluiu – a fragilidade e os limites não destroem a dignidade altíssima e intrínseca de cada ser humano».

Na mensagem do Pontífice para o dia mundial do doente

## Resposta ao sofrimento

PETER KODWO APPIAH TURKSON

Na mensagem para o vigésimo quinto dia mundial do doente, o Papa Francisco convidou toda a Igreja e, em particular, os nossos irmãos enfermos a dirigir o olhar para Maria, a “bonita Senhora de Massabielle”, com a atitude de uma sempre viva «admiração por quanto Deus realiza: “Grandes coisas fez por mim o Omnipotente!».

Instituído por João Paulo II em 1992, o dia mundial – celebrado pela primeira vez precisamente em Lourdes a 11 de fevereiro de 1993 – constitui uma ocasião eclesial de atenção especial à condição humana, sobretudo a quem experimenta a fragilidade e a vulnerabilidade e a quantos cuidam dos doentes e dos sofredores com afeto e devoção. A mensagem do Pontífice ofereceu uma oportunidade única para refletir sobre a admiração pelo cuidado atencioso de Deus por Maria e por toda a humanidade, o compromisso misericordioso da Igreja e de quem se dedica ao serviço dos doentes.

Convidando toda a Igreja a colocar-se espiritualmente aos pés de Maria na gruta de Massabielle, o Papa Francisco exortou a contemplar na Virgem, Aquela «na qual o Omnipotente fez grandes coisas, para a redenção da humanidade». A admiração diante da Imaculada revigora a fé na esperança de que o Senhor dirija também a cada um dos doentes o seu olhar de bondade

e de ternura. O Papa exortou a encontrar na fé nutrida pela Palavra e pelos sacramentos a força capaz de alimentar uma vida de confiança em Deus em solidariedade com o irmão, sobretudo o débil e frágil.

Nisto Maria vem ao nosso encontro como mãe consoladora e misericordiosa, para nos introduzir na relação com o seu filho, assumindo perante nós a própria responsabilidade materna. Transmite ao mundo a humanidade e a ternura de Deus e sobretudo a confiança com a qual aproximar, perscrutar e preservar o mistério da vida, em particular na hora da provação. Ela insere-nos na justiça da onnipotência de Deus, pois «é Aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado» (*Dives in misericordia*, 9).

É o olhar materno e amoroso de Maria que transforma a vida de Bernadette. A gruta de Massabielle torna-se o santuário da ternura de Maria que «nos recorda – afirmou o Papa na sua mensagem – que cada doente é e permanece sempre um ser humano e como tal deve ser tratado». Da Imaculada, Bernadette recebe a graça de servir os doentes como irmã de caridade, uma missão que ela exprime numa medida tão elevada a ponto de se tornar modelo para cada profissio-



*Gostaria de encorajar todos a contemplar em Maria Saúde dos Enfermos a garante da ternura de Deus por cada ser humano*

(@Pontifex\_pt)

que ali se encontravam a impedir que os receios tenham terreno fértil nas debilidades da doença, frisando que muitas vezes a fragilidade é «o principal obstáculo na relação com Deus e com os demais». E ofereceu como modelo precisamente a Imaculada, que com o seu “eis-me” desempenhou um papel insubstituível na história da salvação e da Igreja. Certamente, alguém poderia objetar que aquele “eis-me” no momento da Anunciação não foi pronunciado no tempo da doença, do sofrimento, da fragilidade, da morte. Contudo, esclareceu o cardeal Parolin, «na realidade não é assim». Aliás, o evangelista Lucas «é muito claro quando diz que o diálogo do “eis-me” ganha forma no meio de numerosas experiências problemáticas».

A primeira – explicou o legado pontifício – «é relativa à família, da

protocolos?».

Outra reflexão feita durante a homília surgiu do facto que o Evangelista recorda como o “eis-me” de Maria é pronunciado «não em Jerusalém, centro da vida e da fé de Israel, mas na sua periferia»: em Nazaré, na Galileia dos gentios, um território «que é sinónimo de morte» unicamente por ser considerado “distante”: distante de quanto dá identidade e garante segurança, distante do templo que era o coração da esperança religiosa. E esta “distância” – evidenciou o cardeal Parolin – tem muito em comum com o tempo da doença, do sofrimento, da fragilidade, da morte. Com efeito, todos estes momentos são tempos de diversas “distâncias». Portanto o celebrante convidou os presentes: «Se hoje, aqui e agora, a Mãe Imaculada nos impulsiona a acolher, a desejar,

Francisco denunciou a dificuldade de acesso aos cuidados médicos e pediu para tutelar os mais débeis

## Direito à saúde para todos

Otimizar os recursos significa utilizá-los de forma solidária

*No centro de cada sistema de saúde deve estar a pessoa doente e não o dinheiro, disse o Papa aos participantes no encontro promovido pela comissão de caridade e saúde da Conferência episcopal italiana, recebidos em audiência na manhã de 10 de fevereiro, na sala Clementina.*

Amados irmãos e irmãs!

Dou-vos as minhas cordiais boas-vindas. Agradeço ao Cardeal Montenegro a sua introdução e saúdo os Bispos presentes, a Consulta Nacional, os Diretores das Repartições diocesanas e os seus colaboradores, que vieram aqui por ocasião dos 25 anos do Dia Mundial do Doente e dos 20 anos do Gabinete Nacional para a pastoral no campo da saúde.

Agradeço ao Senhor o caminho percorrido nestes anos, o que foi feito em benefício de um cuidado integral dos doentes e a generosidade de tantos homens e mulheres que aceitaram o convite de Jesus para O visitar na pessoa dos enfermos (cf. *Mt* 25, 36). Foram anos marcados por fortes mudanças sociais e culturais, e hoje podemos constatar uma situação com luzes e sombras. Certamente, a pesquisa científica progrediu e estamos gratos pelos preciosos resultados obtidos para curar, ou para debelar, algumas patologias. Faço votos de que o mesmo compromisso seja garantido para as doenças raras e descuidadas, às quais nem sempre é prestada a devida atenção, com o risco de causar ulteriores sofrimentos. Louvemos ao Senhor também por tantos agentes da saúde que vivem com ciência e consciência o seu trabalho como uma missão, ministros da vida e participantes do amor efusivo de Deus criador; as suas mãos tocam todos os dias a carne sofredora de Cristo, e isto é uma

grande honra e uma grave responsabilidade. Alegramo-nos igualmente pela presença de numerosos voluntários que, com generosidade e competência, se preocupam por aliviar e humanizar os dias longos e difíceis de tantos doentes e idosos sozinhos, sobretudo pobres e indigentes. E aqui introduzo um agradecimento pelo testemunho do voluntariado na Itália. Para mim foi uma surpresa. Nunca teria pensado que encontraria uma situação como esta! Há tantos voluntários que trabalham neste âmbito, convictos. E isto é obra dos párocos, dos grandes párocos italianos, que souberam lutar neste campo. Para mim é uma surpresa e agradeço a Deus por isto.

Mas, juntamente com as luzes, há algumas sombras que correm o risco de agravar a experiência dos nossos irmãos e irmãs doentes. Se há um setor no qual a cultura do descarte

mostra com evidência as suas dolorosas consequências é precisamente o da saúde. Quando a pessoa doente não é posta no centro nem considerada na sua dignidade, geram-se atitudes que podem levar até a especulação sobre as desgraças alheias. E isto é muito grave! É necessário estar vigilante, sobretudo quando os doentes são idosos têm uma saúde fortemente agravada, se estão afetados por patologias graves e dispendiosas para a sua cura ou são particularmente difíceis, como os doentes psiquiátricos. O modelo empresarial no âmbito da saúde, se for adotado de maneira indiscriminada, em vez de otimizar os recursos disponíveis corre o risco de produzir descartes humanos. Otimizar os recursos significa utilizá-los de modo ético e solidário e não penalizar os mais frágeis.

Em primeiro lugar está a dignidade de inviolável de cada pessoa humana

desde o momento da sua concepção até ao seu último suspiro (*Mensagem para o XXV Dia Mundial do Doente 2017*, 8 de dezembro de 2016). Que não seja só o dinheiro a orientar as escolhas políticas e administrativas, chamadas a salvaguardar o direito à saúde sancionado pela Constituição italiana, nem as escolhas de quem gere os lugares de cura. A crescente pobreza no âmbito da saúde entre as camadas mais pobres da população, devida precisamente à dificuldade de aceder aos cuidados, não deixe ninguém indiferente e multipliquem-se os esforços de todos para que os direitos dos mais débeis sejam tutelados.

A história da Igreja italiana conhece tantas “hospedarias do bom samaritano”, nas quais os pobres receberam o óleo da consolação e o vinho da esperança. Ao expressar aos seus representantes aqui presentes o meu apreço pelo bem praticado, encorajo-os a levar por diante a fantasia da caridade própria dos Fundadores. Nos contextos atuais, onde a resposta à busca de saúde por parte dos mais frágeis se revela cada vez mais difícil, não hesiteis também em reconsiderar as vossas obras de caridade para oferecer um sinal da misericórdia de Deus aos mais pobres que, com confiança e esperança, batem às portas das vossas estruturas.

Entre as finalidades que São João Paulo II atribuiu ao Dia Mundial do Doente, além da promoção da cultura da vida, encontra-se também a de «envolver as dioceses, as comunidades cristãs, as famílias religiosas na importância da pastoral da saúde» (*Carta ao Cardeal Angelini para a instituição do Dia Mundial do Doente*, 13 de maio de 1992, 2). Tantos doentes estão nos hospitais, mas muitos mais estão em casa, cada vez mais sozinhos. Faço votos de que sejam visitados com frequência, para que não se sintam excluídos da comunidade e possam experimentar, pela proximidade de quem os visita, a presença de Cristo que hoje passa no meio dos doentes no corpo e no espírito. Infelizmente, «a pior discriminação da qual sofrem os pobres – e os doentes são pobres de saúde – é a falta de atenção espiritual. [...] Precisam de Deus e não podemos descuidar de lhes oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e de maturação na fé» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 200).

As pessoas doentes são membros preciosos da Igreja. Com a graça de Deus e a intercessão de Maria, saúde dos enfermos, possam tornar-se fortes na debilidade (cf. *2 Cor* 12, 10), «e receber a graça de completar aquilo que falta em nós pelos sofrimentos de Cristo, a favor da Igreja, seu corpo (cf. *Cl* 1, 24); um corpo que, à imagem do corpo do Senhor ressuscitado, conserva as chagas, sinal da dura luta, mas são chagas transfiguradas para sempre pelo amor» (*Homilia para o Jubileu das pessoas doentes e deficientes*, 12 de junho de 2016). Obrigado!



## Na mensagem para o dia mundial do doente

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

nal da saúde. É o protótipo da discípula, objeto da misericórdia de Deus, que se torna um autêntico exemplo de testemunha.

A doença não é um impedimento à realização do projeto de Deus sobre o homem, mas a experiência da vulnerabilidade deste último que não obscurece a sua capacidade inata de cura. É uma ocasião que também torna possível redescobrir como a proximidade salvífica de Deus ilumina e faz com que seja suportável a experiência da precariedade humana. A cruz de Cristo é a resposta do amor de Deus que dá sentido à esperança de cada sofredor, de cada doente e de cada necessitado, em virtude da preciosidade do seu estar diante de Deus.

O serviço ao doente passa através de uma rede relacional; que a presunção e a constitui como aliança de relação, terapêutica, assistencial, familiar, humana, religiosa, espiritual

e eclesial. Por conseguinte, relacionar-se com um doente, como afirmou o Papa, «significa relacionar-se com uma pessoa que, certamente, precisa de ajuda, às vezes inclusive para as coisas mais simples, mas que traz em si o seu dom a ser compartilhado com os outros». Cada hospital, cada centro de cuidados ou de assistência, deve ser sinal visível e expressão daquela atenção amorosa à condição humana que Maria inspirou em Bernardette para promover uma rede humana do encontro onde a ajuda, profissional e fraterna, ao sofredor e ao doente possa contribuir para superar o limite da cultura do descarte e da injustiça.

Portanto, Francisco convidou a viver o dia mundial do doente com um «novo impulso a fim de contribuir para a difusão de um cultura respeitadora da vida, da saúde e do meio ambiente». Nesta perspectiva, o Pontífice pediu que os momentos de oração, as liturgias eucarísticas e

a união dos enfermos, a partilha com os doentes e os aprofundamentos bioéticos e teológico-pastorais, que se realizaram em Lourdes nesses dias de extraordinária celebração, ofereçam uma nova e importante contribuição ao serviço eclesial do doente. Ele renovou a sua proximidade de oração e de encorajamento aos médicos, aos enfermeiros, aos voluntários e a todos os consagrados e às consagradas comprometidos em favor dos doentes e dos indigentes; às instituições eclesiais e civis que trabalham no âmbito da saúde, assim como às suas famílias. A todos fez os votos a fim de que sejam sempre sinais jubilosos da presença e do amor de Deus, imitando o testemunho luminoso de muitos amigos e amigas de Deus, entre os quais recordou São João de Deus e São Camilo de Lellis, padroeiros dos hospitais e dos profissionais da saúde, e Santa Teresa de Calcutá, missionária da ternura de Deus.

O arcebispo Becciu para o aniversário de Santo Egídio

## Presença vivaz

Continuar a trabalhar insistentemente «pela paz, pela reconciliação, pelo diálogo fraterno com os membros das várias religiões»: foi a recomendação do arcebispo Angelo Becciu, substituto da Secretaria de Estado, à comunidade de Santo Egídio, no quadragésimo nono aniversário da fundação.

Na circunstância o prelado celebrou a missa na basílica de São João de Latrão na presença sobretudo de estudantes, operários, idosos, desabrigados, refugiados, imigrantes, voluntários, amigos e colaboradores da Comunidade, guiados pelo presidente Marco Impagliazzo e pelo fundador Andrea Riccardi.

«Presença vivaz e criativa na Igreja de Roma» – recordou D. Becciu – Santo Egídio «difundiu-se de maneira gradual em muitas outras Igrejas no mundo» dilatando o raio de ação «não só geograficamente, mas também na multiplicidade das iniciativas e das obras».

*Ide em frente por este caminho: oração pobres e paz. Caminhando deste modo ajudais a fazer crescer a compaixão no coração da sociedade*

Não foi, explicou, «um projeto programado de modo teórico. Com abertura e generosidade deixastes-vos guiar pelo Espírito que, através de circunstâncias muito variadas, abriu-vos caminhos sempre novos, ampliando os vossos horizontes, que coincidem com os da Igreja».

Comentando as leituras da liturgia, o celebrante recordou que a comunidade de Santo Egídio desde o início se «dirigiu para quantos estão em situação de marginalização e em estado de abandono. Deixou-se guiar pela grande lição do livro do Génesis: homem e mulher são criaturas de Deus, plasmadas pelas suas mãos; trazem em si a imagem e a semelhança com Deus. Que dignidade da pessoa humana!». De resto, observou, «o olhar do Criador não é discriminador, não divide em categorias os seus filhos e as suas filhas: são a sua criatura, amada, pela qual está pronto a sacrificar o Filho amado, porque a ama como ama o seu Filho. Diante do homem e da mulher

ele próprio mostrou a sua maravilha e explodiu num brado de alegria». Por isso «segundo esta página da Escritura, não há pessoas marginalizadas: cada pessoa está no centro, é o centro».

Eis então a exortação a fim de que o olhar do Criador se torne «o nosso olhar: cada pessoa que encontro é “muito” boa, é “carne da minha carne, osso dos meus ossos”. “Recordo-me” e “cuido” de cada pessoa. Foi-me confiada pelo amor de Deus, como Eva foi posta diante de Adão que a reconheceu e recebeu como um *alter ego*; diversa mas ao mesmo tempo semelhante a ele. É a riqueza da complementaridade que cada um oferece ao outro e recebe do outro. O outro é o dom que Deus me concede para que a minha vida seja completa, para que não esteja sozinho».

Além disso, prosseguiu D. Becciu, «desde quando Deus se encarnou e se identificou com cada pessoa, o homem e a mulher adquiriram um valor deusas inestimável». Aliás «o outro, por menor que seja, é Jesus! Devo amá-lo como amo Jesus». O próprio «Papa Francisco continua a repetir que o amor cristão não é uma ideia abstrata, mas concretiza-se na ajuda aos outros, começando pelos débeis e pobres, que são “a carne de Cristo”. Consequentemente, «o valor do outro não se mede pelo salário nem pela eficiência. Que os pobres sejam sempre o vosso tesouro – exortou o substituto da Secretaria de Estado – e possais continuar a tocar neles a “carne de Cristo”, com o amor e o cuidado com o qual se vive a Eucaristia».

Em particular o arcebispo referiu-se «à integração de imigrantes e refugiados, da qual as nossas sociedades têm necessidade» encorajando a comunidade «a continuar a construir pontes, vínculos, a fim de que se afirme uma civilização do viver juntos, uma civilização do amor; embora nem sempre seja esta a orientação do mundo, sobretudo nesta época».

Depois, recordando que o caminho de Santo Egídio teve «origem com um grupo de jovens que, em vez de projetar um futuro pensando exclusivamente no sucesso e na carreira profissional, decidiu dar vida a uma escola popular para crianças marginalizadas das periferias romanas, deixando-se interpelar pelas exigências audazes do Evangelho», o celebrante evidenciou o início da experiência nas «periferias, muito antes que esta palavra fosse utilizada de maneira programática pelo Papa Francisco». Por conse-

guinte, hoje a missão da Comunidade é «ir a todas as periferias, onde há conflitos, nas quais as pessoas não são reconhecidas na sua dignidade, as diversidades são vividas como exclusão e conflito e não como enriquecimento» para levar «a presença de Cristo», regenerar a fraternidade e fazer com que «as periferias, voltem a estar “no centro”, tornando-as «cientes da sua dignidade, ativas e protagonistas no tecido social e na vida da Igreja».

Em seguida, o arcebispo Becciu comentou o episódio proposto pelo Evangelho de Marcos (7, 24-30): «Sinto forte a sugestão desta mulher – disse – que vem da região da Síria e pede piedade para a filha. Não representa porventura as mães sírias que pedem ajuda para os filhos? As mães que assistem em várias partes do mundo à angústia da guerra?». É dado que «ao voltar para casa a mulher encontrou a sua filha curada», D. Becciu pediu aos membros de Santo Egídio, que com a ajuda de Deus contribuam para «aliviar os sofrimentos de muitas mães».

Por fim, comentou o lugar da celebração: «Esta igreja de São João de Latrão, é por tradição “mãe e cabeça de todas as igrejas”. Depois, recordou que a comunidade nasceu na Igreja de Roma e «até hoje é uma sua expressão vital». Por isso, afirmou, é preciso amar a cidade e cooperar para «a tornar ainda mais bonita e hospitaleira. O vínculo com o bispo de Roma – evidenciou – deve continuar a caracterizar-vos, não só aqui, mas também noutras partes do mundo onde chega a vossa caridade». Aliás «a vossa “romanidade” faça com que muitos de vós sejam colaboradores do Papa Francisco, que abrem o coração e os braços, chegando onde ele não pode estar fisicamente. Fazendo isto concorreis para pôr no centro cada pessoa e para fazer de cada periferia um núcleo de vida e de nova humanidade. Só assim mudará também a geopolítica mundial e a semente do Evangelho produzirá abundantes frutos de paz».

Concluindo, o arcebispo Becciu repropôs a recomendação do Papa Francisco quando visitou a comunidade a 15 de junho de 2014: «Ide em frente por este caminho: oração, pobres e paz. Caminhando deste modo ajudais a fazer crescer a compaixão no coração da sociedade – que é a revolução verdadeira, da compaixão e da ternura – a fazer aumentar a amizade no lugar dos fantasmas da inimizade e da indiferença».

## A pequena história de Guadalupe

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

clandestinos com antecedentes criminais. Mas enquanto anteriormente os casos como o de Guadalupe não eram considerados perigosos para a segurança nacional e aos transgressores era consentida uma estadia condicional, a medida do presidente Trump alarga sobremaneira o leque de crimes passíveis de deportação.

Com base nos dados fornecidos pela administração, 75 por cento dos 680 imigrantes irregulares presos depois da nova ordem executiva tem antecedentes criminais. Contudo, resta saber quantos destes se mancharam de pequenas infrações, como Guadalupe, ou são pelo contrário traficantes de droga ou membros de pequenas gangues criminosas, “cate-

gorias” que o presidente afirma querer atingir através da sua iniciativa. Iniciativa esta que, como já tinha acontecido com a proibição de entrada de pessoas de sete países de maioria muçulmana, suscitou numerosas críticas e não só nos Estados Unidos.

No México teve lugar uma gigantesca manifestação de protesto. Ao passo que o governo do presidente Peña Nieto destinou quarenta e seis milhões de euros para os consulados no território norte-americano, que presumivelmente serão os primeiros a dever enfrentar a nova emergência. Também outras nações americanas, como a Argentina e o Brasil, abandonaram momentaneamente as tradicionais rivalidades, concordando sobre a exigência de fortalecer a co-

operação, não só económica, perante as políticas de fechamento perspetivadas por Trump. O qual, ao encontrar-se com o primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, não hesitou em sublinhar que o que torna inadequado o Nafta (tratado norte-americano de livre comércio) não são certamente as relações com os vizinhos do norte, mas com os mexicanos.

Talvez ainda seja cedo para concluir que as novas políticas norte-americanas levarão a uma polarização mais marcada no continente. E também é verdade, como realçou o «Wall Street Journal», que as primeiras três semanas de presidência de Trump (que continua a manter o apoio do seu eleitorado) foram caracterizadas por muito clamor, por algumas paralizações e por parciais re-

cuos. Mas hoje o risco de uma divisão mais ampla entre as Américas parece bastante concreto. Quem sofre as consequências disto são pessoas como Guadalupe, cujas pequenas histórias não interessam a ninguém. Assim como não interessa a quase ninguém o destino dos refugiados sírios, relegados ao limbo depois dos acordos que os mantêm distantes da Europa. Porque a tentativa de fechamento certamente não é uma exclusividade dos Estados Unidos. Para a combater seria necessário propor um modelo cultural alternativo, caracterizado por um confronto honesto e não complacente. Uma tarefa que caberia em primeiro lugar à política, mas da qual muitos, por cálculo, se subtraem.



«As escolas e as universidades católicas dão uma grande contribuição para a missão da Igreja, quando estão ao serviço do crescimento em humanidade, no diálogo e na esperança», disse o Papa à plenária da Congregação para a educação católica, recebida em audiência na final da manhã de 9 de fevereiro na sala Clementina.

Estimados irmãos e irmãs!

Agradeço ao cardeal prefeito as palavras de introdução deste encontro e saúdo cordialmente os membros da Congregação para a educação católica nomeados recentemente, entre os quais inclusive o próprio Prefeito, que pela primeira vez preside à Assembleia plenária. Saúdo os componentes da Fundação *Gravissimum educationis*, constituída há pouco com a finalidade de relançar os conteúdos da Declaração conciliar.

Nestes dias tivestes em consideração muito temas, para fazer um balanço do trabalho do Dicastério nos últimos três anos e traçar as orientações dos compromissos futuros.

Os setores do vasto âmbito educativo que são de competência da vossa Congregação comprometeram-vos na reflexão e no debate sobre diversos aspetos importantes como a formação inicial e permanente dos professores e dos diretores, tendo em consideração também a necessidade de uma educação inclusiva e informal; ou como o contributo insubstituível das Congregações religiosas, e o apoio que pode vir das Igrejas particulares e das Organizações de setor. Boa parte do vosso trabalho foi dedicada às instituições universitárias eclesásticas e católicas para a atualização da Constituição apostólica *Sapientia christiana*; à promoção dos estudos de Direito canónico em relação à reforma dos processos de nulidade do matrimónio; e para apoiar a pastoral universitária. Além disso considerastes a oportunidade de oferecer as diretrizes a fim de incrementar a responsabilização de quantos estão envolvidos no árduo campo da educação.

Como evoquei na Exortação *Evangelii gaudium*, «as universidades são um âmbito privilegiado para pensar e desenvolver este compromisso de evangelização»: e «as escolas católicas [...] constituem uma contribuição muito válida para a evangelização da cultura, mesmo em países e cidades onde uma situação adversa nos incentiva a usar a nossa criatividade para se encontrar os caminhos adequados» (n. 134).

Neste horizonte de evangelização gostaria de partilhar convosco *algumas expectativas*. Antes de tudo,

diante de um individualismo infestante, que nos torna humanamente pobres e culturalmente estereis, é necessário *humanizar a educação*. A escola e a universidade só têm pleno sentido em relação à formação da pessoa. Todos os educadores são chamados a colaborar neste processo de crescimento humano com o seu profissionalismo e com a riqueza de humanidade da qual são portadores, a fim de ajudar os jovens a tornarem-se construtores de um mundo mais solidário e pacífico. Ainda mais as instituições educativas católicas que têm a missão de oferecer horizontes abertos à transcendência. A *Gravissimum educationis* recorda que a educação está ao serviço de um humanismo integral e que a Igreja, como mãe educadora, olha sempre para as novas gerações na perspectiva da «formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cu-

À plenária da Congregação para a educação católica

## Uma gramática para semear esperança

jas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte» (n. 1).

Outra expectativa é que cresça a *cultura do diálogo*. O nosso mundo tornou-se uma aldeia global com múltiplos processos de interação, onde cada pessoa pertence à humanidade e partilha a esperança de um futuro melhor com a inteira família dos povos. Infelizmente, ao mesmo tempo, há muitas formas de violência, pobreza, exploração, discriminação, marginalização, abordagens restritivas às liberdades fundamentais que criam uma cultura do descarte. Em tal contexto os institutos educativos católicos são chamados em primeira linha a praticar a gramática do diálogo que forma para o encontro e a valorização das diversidades culturais e religiosas. De facto, o diálogo educa quando a pessoa se relaciona com respeito, estima, sinceridade de escuta e se exprime com autenticidade, sem ofuscar nem atenuar a própria identidade nutrida pela inspiração evangélica. Encoraja-nos a convicção de que as novas gerações, educadas de maneira cristã no diálogo, sairão das classes das escolas e das universidades motivadas a construir pontes e, por conseguinte, a encontrar respostas novas para os muitos desafios do nosso tempo. No sentido mais específico, as escolas e as universidades são chamadas a ensinar *um método de diálogo intelectual finalizado à busca da verdade*. S. To-

más foi e é ainda hoje mestre deste método, que consiste em tomar o outro seriamente em consideração, o interlocutor, procurando compreender profundamente as suas razões e objeções, para poder responder de modo não superficial mas adequado. Só assim podemos deveras ir em frente juntos no conhecimento da verdade.

A última expectativa que gostaria de partilhar convosco: o contributo da educação para *semear esperança*. O homem não pode viver sem esperança e a educação é geradora de esperança. Com efeito, a educação é fazer nascer, é fazer crescer, coloca-se na dinâmica do dar a vida. E a vida que nasce é a fonte mais borbulhante de esperança: uma vida orientada para a busca da beleza, da bondade, da verdade e da comunhão com os outros em vista de um crescimento comum. Estou convicto de que os jovens de hoje têm sobretudo necessidade desta vida que constrói futuro. Portanto, o verdadeiro educador é como um pai e uma mãe que transmite uma vida capaz de futuro. Para se obter este temperamento é preciso que nos coloquemos à escuta dos jovens: o «*trabalho dos ouvidos*». Pôr-se à escuta dos jovens! Faremos isto em particular com o próximo Sínodo dos Bispos a eles dedicado. Depois, a educação tem em comum com a esperança o mesmo «tecido» do risco. A esperança não é um otimismo superficial, nem a capacidade de olhar para as situações de modo benévolo, mas antes de tudo é um saber arriscar de maneira certa, exatamente como a educação.

Queridos irmãos e irmãs, as escolas e as universidades católicas dão uma grande contribuição para a missão da Igreja, quando estão ao serviço do crescimento em humanidade, no diálogo e na esperança. Agradeço-vos o trabalho que desempenhais para fazer das instituições educativas lugares e experiências de evangelização. Invoco sobre vós o Espírito Santo, a intercessão de Maria *Sedes Sapientiae*, para que torne eficaz o vosso ministério a favor da educação. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim, e de coração abençoe-vos. Obrigado!

## Visita «ad limina» dos bispos da Costa Rica



Na manhã de segunda-feira 13 de fevereiro o Papa Francisco recebeu em audiência os bispos da Conferência episcopal da Costa Rica em visita «ad limina apostolorum»

Terão lugar de 5 a 10 de março em Ariccia

## Exercícios espirituais para o Papa e a Cúria romana

Paixão, morte e ressurreição de Jesus segundo Mateus: eis o tema das meditações que o franciscano Giulio Michelini apresentará ao Papa Francisco e aos membros da Cúria romana durante os exercícios espirituais programados de 5 a 10 de março na Casa Divin Maestro em Ariccia.

Nascido em Milão há 53 anos, o pe. Michelini emitiu a profissão solene na ordem dos frades menores

em 1992 e é sacerdote desde 1994. Atualmente é docente no Instituto teológico de Assis, agregado à Lateranense, e diretor da revista «Convivium Assisiense».

O programa dos exercícios prevê para o domingo inicial, às 18h, a adoração eucarística e a recitação das vésperas. Os dias seguintes começarão com a celebração da missa às 7h30, seguida pela primeira meditação às 9h30. Depois, às

16h terá lugar a segunda meditação, que precederá a adoração eucarística e as vésperas. Para o dia conclusivo, 10 de março, está prevista uma única meditação.

As meditações inspiram-se no evangelho de Mateus, capítulos 26 a 28. Como de costume, durante o período de retiro ficarão suspensas as audiências particulares e especiais, inclusive a audiência geral de quarta-feira.

*Permaneci em mar aberto: foi esta a recomendação que o Papa Francisco fez ao colégio dos escritores da revista Civiltà Cattolica recebidos em audiência na manhã de quinta-feira, 9 de fevereiro, por ocasião da publicação do número 4.000 da revista dos padres jesuítas.*

Queridos escritores do Colégio da Civiltà Cattolica, estimados colaboradores leigos!

Sinto-me feliz por vos receber juntamente com os outros jesuítas da Comunidade, as religiosas e os outros colaboram convosco na vida da revista e na administração da casa na qual habitais. Saúdo também os editores que a partir deste momento publicarão a vossa revista em espanhol, inglês, francês e coreano. Sinto aqui presente também toda a vasta família dos vossos leitores. Recebo-vos todos juntos de bom grado por ocasião da publicação do fascículo número 4.000. É uma meta devesas única: a revista completou uma viagem no tempo de 167 anos e prossegue com coragem a sua navegação em mar aberto.

Eis: permaneci ao largo! O católico nunca deve ter medo do mar aberto, não deve procurar o abrigo de portos seguros. Sobre tudo vós, como jesuítas, evitai agarrar-vos a certezas e seguranças. O Senhor chama-nos a sair em missão, e fazer-nos ao largo e a não irmos para a reforma a fim de preservar certezas. E



Pedro Fabro numa gravura do séc. XVI

contudo a santa viagem faz-se sempre em companhia de Jesus que diz aos seus: «Coragem, sou eu, não temais!» (Mt 14, 27).

A vossa navegação não é solitária. Os meus Predecessores, do beato Pio IX a Bento XVI, ao receber-vos em audiência, reconheceram várias vezes que a vossa navegação se dá na barca de Pedro. Este vínculo ao Pontífice é desde sempre uma característica essencial da vossa revista. Vós estais na barca de Pedro. Ela, por vezes na história – hoje como ontem – pode ser agitada pelas ondas e não nos devemos admirar por isso. Mas até os marinheiros chamados a remar na barca de Pedro podem remar em sentido contrário.



Aconteceu sempre. Vós da Civiltà Cattolica deveis ser «remadores peritos e valorosos» (Pio VII, Bula *Sollicitudo omnium Ecclesiarum*): portanto remai! Remai, sede fortes, também com o vento contrário! Rememos ao serviço da Igreja. Rememos juntos!» (*Homília nas Vigílias em Te Deum*, 27 de setembro de 2014). E este é o vínculo entre mim e vós. E expresso o meu «profundo desejo de que este vínculo não só se mantenha, mas se reforce» (João Paulo II, *Discurso aos escritores de «La Civiltà Cattolica»*, 19 de janeiro de 1990). Vamos sempre em frente na nossa navegação, impelidos pelo sopro do Espírito Santo que nos guia.

4.000 fascículos não são uma coletânea de papel! Há uma vida dentro, feita de tanta reflexão, de tanta paixão, de lutas enfrentadas e contradições encontradas. Mas sobretudo de tanto trabalho. Soube que os vossos antigos predecessores gostavam de se chamar simplesmente «trabalhadores». Não «intelectuais», mas «trabalhadores». Gosto muito desta definição que é humilde, modesta e muito eficaz. Santo Inácio quer que sejamos trabalhadores na vinha mística. Eu trabalho de uma maneira, vós de outra. Mas estamos juntos, ao lado. Eu, no meu trabalho, vejo-vos, digo-vos, acompanho-vos com afeto. A vossa revista está com frequência em cima da minha mesa. E sei que vós, no vosso trabalho, nunca me perdeis de vista. Acompanhastes fielmente todos os acontecimentos fundamentais do meu pontificado a partir da longa entrevista que concedi ao vosso diretor em agosto de 2013: a publicação das Encíclicas e das Exortações apostólicas, dando delas uma interpretação fiel: os Sinodos, as Viagens apostólicas, o Jubileu da Misericórdia. Agradeço-vos isto e peço-vos que prossigais por este caminho a trabalhar comigo e a rezar por mim.

Quantas coisas aconteceram em 167 anos de vida da revista, que foram contadas nos vossos 4.000 cadernos! A cada mil números encontros-convosco com o Papa: Leão XIII, Pio XI, Paulo VI celebraram os precedentes. Agora eis-vos comigo. E convido-vos a ser o padre-geral da Companhia de Jesus porque o beato Pio IX quis que o Colégio «dependesse completamente e em tudo» dele (Breve ap. *Graoissimum supremum*). Confirmo esta entrega da Civiltà Cattolica ao padre-geral precisamente devido à tarefa específica que a vossa revista desempenha ao serviço do Santo Apóstolo.

E mais em geral confirmo os Estatutos originários da vossa revista, que Pio IX escreveu em 1866 instituindo *La Civiltà Cattolica* «de maneira perpétua». Ao lê-los hoje observamos uma linguagem que já não é a nossa. Mas o sentido profundo e específico da vossa revista está bem descrito e deve permanecer

imutável, ou seja, o de uma revista que é expressão de uma comunidade de escritores todos jesuítas que partilham não só uma experiência intelectual, mas também uma inspiração carismática e, pelo menos no núcleo fundamental da redação, a vida diária da comunidade. A variedade dos temas que tratais é escolhida e elaborada numa consulta entre vós que exige um intercâmbio frequente (cf. Leão XIII, Carta *Sapientis consilio*). E a vós compete o confronto não só acerca das ideias, mas também do modo de as expressar e os meios adequados para o fazer. O centro da Civiltà Cattolica é o Colégio dos Escritores. Tudo deve girar em volta dele e da sua missão.

Esta missão – pela primeira vez em 167 anos – alarga-se a partir de hoje além dos confines linguísticos do italiano. Sinto-me feliz por poder abençoar as edições da Civiltà Cattolica em espanhol, inglês, francês e coreano. Trata-se de uma evolução que já os vossos predecessores, na época do Coneílio, tiveram em mente mas que nunca foi concretizada. Desde há muito tempo a Secretária de Estado a envia a todas as Nunciaturas no mundo. Agora que o mundo está cada vez mais conectado, a superação das barreiras linguísticas ajudará a difundir melhor a sua mensagem num leque mais vasto. Esta nova etapa contribuirá também para ampliar o vosso horizonte, e para receber contributos escritos de outros jesuítas de várias partes do mundo. A cultura viva tende a abrir, integrar, multiplicar, partilhar, dialogar, dar e receber no âmbito de um povo e com os outros povos com os quais se relaciona. *La Civiltà Cattolica* será uma revista cada vez mais aberta ao mundo. Esta é uma nova forma de viver a vossa missão específica.

E qual é esta missão específica? Ser a revista católica. Mas ser revista católica não significa simplesmente defender ideias católicas, como se o catolicismo fosse uma filosofia. Como escreve o vosso fundador, padre Carlo Maria Curci, *La Civiltà Cattolica* não deve «ter a aparência de objeto de sacristia». Uma revista só é devesas «católica» se possuir o olhar de Cristo sobre o mundo, e se o transmitir o e testemunhar.

No encontro que tive convosco há três anos apresentei-vos a vossa missão com três palavras: diálogo, discernimento, fronteira. Hoje confirmo-as. No bilhete de bons votos que vos enviei para o número 4.000 usei a imagem da ponte. Apraz-me pensar na Civiltà Cattolica como numa revista que é «ponte» e ao mesmo tempo «fronteiras».

Hoje gostaria de acrescentar algumas reflexões para aprofundar aquilo a que os vossos fundadores, retomados depois por Paulo VI, chamaram o «desenho

constitucional» da revista. E dar-vos-ei também três «padroeiros», ou seja, três figuras de jesuítas para as quais olhar a fim de ir em frente.

A primeira palavra é DESASSOSSEGO. FAÇO-vos uma pergunta: o vosso coração conservou o desassossego da busca? Só o desassossego dá paz ao coração de um jesuíta. Sem desassossego somos estêrteis. Se quiserdes habitar pontes e fronteiras deveis ter uma mente e um coração desassossegados. Por vezes confundem-se a segurança da doutrina com a suspeita pela busca. Não seja assim para vós. Os valores e as tradições cristãs não são peças raras para fechar nos cofres de um museu. A certeza da fé seja ao contrário o motor da vossa busca.

Dou-vos como padroeiro São Pedro Fabro (1506-1546), homem de grandes desejos, espírito inquieto, nunca satisfeito, pioneiro do ecumenismo. Para Faro, é precisamente quando se propõem coisas difíceis que se manifesta o verdadeiro espírito que move a ação (cf. *Memorial*, 30). Uma fé autêntica implica sempre um desejo profundo de mudar o mundo. Eis a pergunta que devemos fazer: temos grandes visões e impulsos? Somos ousados? Ou somos medíocres, e contentamo-nos com reflexões de laboratório?

A vossa revista tome consciência das feridas deste mundo, e encontre terapias. Seja uma escritura que tende à compreensão do mal, mas também a colocar óleo sobre as feridas abertas, à cura. Favre caminhava com os seus pés e faleceu de cansaça ainda jovem, devorado pelos seus desejos para maior glória de Deus. Vós caminhais com a vossa inteligência inquieta em que os teclados dos vossos computadores traduzem em reflexões úteis para construir um mundo melhor, o Reino de Deus.

A segunda palavra é INCOMPLETEDE. Deus é o Deus sempre maior, o Deus que nos surpreende sempre. Por isso deveis ser escritores e jornalistas com um pensamento incompleto, ou seja, aberto e não fechado num rígido. A vossa fé abra o vosso pensamen-



Retrato de Matteo Ricci

À comunidade da Civiltà Cattolica o Pontífice pediu que a revista continue a navegar em mar aberto

# Ponte e fronteira

Na escola de três padroeiros com desassossego, incompletude e imaginação

to. Fazei-vos guiar pelo espírito profético do Evangelho para ter uma visão original, vital, dinâmica, não óbvia. E isto sobretudo hoje num mundo tão complexo e cheio de desafios no qual parece triunfar a «cultura do naufrágio» – alimentada de messianismo profano, de mediocridade relativista, de suspeita e rigidez – e a «cultura da caixa de lixo», onde se deita fora qualquer coisa que não funciona como se pretende ou que se considera inútil.

A crise é global, e por conseguinte é necessário dirigir o nosso olhar para as convicções culturais dominantes e para os critérios através dos quais as pessoas consideram que algo é bom ou mau, desejável ou não. Só um pensamento devesas aberto pode enfrentar a crise e compreender para que rumo o mundo está encaminhado, como se encaram as crises mais complexas e urgentes, a geopolítica, os desafios da economia e a grave crise humanitária ligada ao drama das migrações, que é o verdadeiro nó político global dos nossos dias.

Portanto, como figura de referência, dou-vos o servo de Deus padre Matteo Ricci (1522-1610). Ele compôs um grande mapa-múndi chinês que representava os continentes e as ilhas até então conhecidas. Assim o amado povo chinês podia ver representadas de maneira nova muitas terras distantes que eram mencionadas e descritas brevemente.

Entre elas também a Europa e o lugar onde o Papa vivia. O mapa-múndi serviu também para introduzir ainda melhor o povo chinês nas outras civilizações. Eis, com os vossos artigos também vós estais chamados a elaborar um «mapa-múndi»: mostrai as descobertas recentes, dai um nome aos lugares, fazei com que se conheça o significado da «civilização» católica, mas fazei conhecer também aos católicos que Deus trabalha também fora dos confines da Igreja, em qualquer verdadeira «civilização», com o sopro do Espírito.

A terceira palavra é IMAGINAÇÃO. Na Igreja e no mundo, estamos no tempo do discernimento. O discernimento realiza-se sempre na presença do Senhor, olhando para os sinais, ouvindo o que acontece, o sentir do povo que conhece o caminho humilde da teimosia diária, e sobretudo dos pobres. A sabedoria do discernimento resgata a necessária ambiguidade da vida. Mas é preciso penetrar a ambiguidade, é necessário entrar nela, como fez o Senhor Jesus ao assumir a nossa carne. O pensamento rígido não é divino porque Jesus assumiu a nossa carne que não é rígida a não ser no momento da morte.

Por isso gosto tanto da poesia e, quando me é possível, continuo a lê-la. A poesia está cheia de metáforas. Compreender as metáforas ajuda a tomar o pensamento ágil, intuitivo, flexível, agudo. Quem tem imaginação não se endurece, tem o sentido do humor, goza sempre da doçura da misericórdia e da liberdade interior. É capaz de abrir visões amplas até em espaços restritos como fez nas suas obras pictóricas o irmão Andrea Pozzo (1642-1709), descrendo com a imaginação espaços abertos, cúpulas e corredores, lá onde há apenas telhados e muros. Indico-vos também ele como figura de referência.

Por conseguinte, cultivai na vossa revista o espaço para a arte, a literatura, o cinema, o teatro e a música. Assim fizestes desde o início, desde 1850. Há alguns dias eu meditava sobre a obra de Hans Memling, o pintor flamengo. E pensava em como o milagre de delicadeza que há na sua pintura representa bem as pessoas. Depois pensei nos versos de Baudelaire sobre Rubens quando escreve que «la vie afflue et s'agite



Hans Memling, «Retrato de mulher»

sans cesse, / Comme l'air dans le ciel et la mer dans la mer». Sim, a vida é fluida e agita-se incessantemente como se agita o ar no céu e o mar no ar. O pensamento da Igreja deve recuperar genialidade e entender cada vez melhor como se compreende hoje o homem para desenvolver e aprofundar o próprio ensinamento. E esta genialidade ajuda a compreender que a vida não é um quadro preto e branco. É um quadro a cores. Algumas claras e outras escuras, algumas tênues e outras vivas. Mas prevalecem as tonalidades. E este é o espaço do discernimento, o espaço no qual o Espírito agita o céu como o ar e o mar como a água. A vossa tarefa – como pediu o beato Paulo VI – é viver o confronto «entre as exigências ardentes do homem e a mensagem perene do Evangelho» (*Discurso por ocasião do XXXII Congresso Geral da Companhia de Jesus*, 3 de dezembro de 1974). E aquelas exigências ardentes já as tendes dentro de vós mesmos e na vossa vida espiritual. Dai a este confronto as formas mais adequadas, até novas, como o modo de comunicar de hoje exige, o qual muda com o passar do tempo.

Faço votos de que *La Civiltà Cattolica*, também graças às suas versões noutras línguas, possa alcançar muitos leitores. A Companhia de Jesus sempre está à vossa tão antiga e preciosa, aliás única pelo serviço à Sé Apostólica. Seja generosa dotando-a de jesuítas capazes e difunda-a lá onde for mais oportuno. Penso sobretudo nos centros de formação educativa e nas escolas, em particular para a formação de professores e pais. Mas também nos centros de formação espiritual. Recomento a sua particular difusão nos seminários e nos centros de formação. Os bispos apoiem-na. Com efeito, o seu vínculo com a Sé Apostólica faz dela uma revista única no seu género.

Ao concluir este nosso encontro agradeço-vos o testemunho que dais. Confio todos vós aqui presentes à intercessão de Nossa Senhora do Caminho e de São José, concedendo-nos a minha Bênção Apostólica. Obrigado.



# Missas matutinas em Santa Marta



Quinta-feira  
9 de fevereiro

## A mulher é a harmonia do mundo

«Para entender uma mulher antes é necessário sonhá-la»: eis por que a mulher é «o grande dom de Deus», capaz de «trazer harmonia à criação». A ponto que, confidenciou o Papa Francisco com um toque de ternura poética, «gosto de pensar que Deus criou a mulher para que todos nós tivéssemos uma mãe». Foi um verdadeiro hino às mulheres o que o Pontífice propôs na missa. É a mulher, reconheceu Francisco, «que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela». E se «explorar as pessoas é um crime de lesa humanidade, explorar uma mulher é mais do que um delito e de um crime: significa destruir a harmonia que Deus quis dar ao mundo, é voltar para trás».

Para a sua meditação, Francisco inspirou-se nas leituras hodiernas, tiradas do livro de Gênesis (2, 18-25) e do Evangelho de Marcos (7, 24-30). A liturgia «continua a narração da criação do mundo» disse imediatamente o Papa, realçando inclusive que «com a criação do homem parece que tudo terminou», a ponto que «Deus repousa». Contudo, «falta algo: o homem estava sozinho» e daquela «solidão o próprio Deus se deu conta: "Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele" lê-se no livro de Gênesis».

Então, «o Senhor artesanalmente – mas esta é uma forma literária para o explicar – «formou da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria» afirmou o Papa lendo o trecho evangélico. E «Deus disse ao homem: «esta será a tua companhia, dá-lhe um nome». Para Deus, prosseguiu Francisco, «esta é uma ordem do demônio». Na prática diz ao homem: «Tu serás o dono destes, aquele que põe o nome, aquele que manda». Mas «para o homem não encontrou uma auxiliar adequada» lê-se no livro de Gênesis. Assim «o homem estava sozinho, com todos estes animais: "Mas, ouve lá, porque não arranjas um cão, fiel, que te acompanhe na vida, e também dois gatos para os acariciar: o cão fiel é bom, os gatos são engraçados, para alguns, para outros não, para os ratos não!". Todavia, o homem «não encontrava nestes animais uma companhia» e, em síntese, «estava sozinho».

Francisco prosseguiu repondo ponto por ponto o trecho do Gênesis: «Então o Senhor – continua a narração – «adormeceu profundamente o homem»: fez com que dormisse. Um homem sozinho, a solidão, agora o homem está adormecido, o sonho do homem: adormeceu». E «artesanalmente – está escrito à letra – enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das costelas e fez uma mulher, e levou-a para junto do homem». O homem, quando a viu,

disse: «Eis agora aqui, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher – atribuí-lhe um nome – porque foi tirada do homem». Em síntese, afirmou Francisco, para o homem «é algo diferente de tudo o que ele tinha, era o que lhe faltava para não estar sozinho: a mulher, descobriu-a, viu-a». Mas «antes de a ver, sonhou com ela». Com efeito, disse o Papa, «para entender uma mulher antes é necessário sonhá-la; não é possível compreendê-la como todos os outros seres vivos: é algo diferente, é algo diverso». Precisamente «assim Deus a fez: para ser sonhada, antes».

Muitas vezes quando falamos das mulheres, falamos de maneira funcional: a mulher serve para fazer isto, para fazer, não! Primeiro, é para outra coisa: a mulher traz algo sem o qual o mundo não seria assim». A mulher «é algo diferente, é algo que traz uma riqueza que o homem, toda a criação e todos os animais não têm». Também «Adão, antes de a ver, sonhou com ela: há algo de poesia, nesta narração». E «depois o terceiro trecho, quando Adão diz "Eis agora aqui o osso de meus ossos e a carne de minha carne": o destino de ambos». Com efeito, lê-se no Gênesis: «Por isso o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne». Sim, «uma só carne».

«Adão não podia ser uma só carne com as aves, com o cão, com o gato, com todos os animais, com toda a criação: não, não! Só com a mulher, e isto é o destino, isto é o futuro, isto era o que faltava». E «a mulher vem assim coroar a criação, mais ainda: traz harmonia à criação». Por conseguinte, «quando não há a mulher, falta a harmonia». Também «nós dizemos, falando: esta é uma sociedade com uma forte atitude masculina. Falta a mulher». E talvez afirmemos inclusive que «a mulher serve para lavar os pratos, para fazer...». Ao contrário, «não: a mulher serve para trazer harmonia; sem a mulher não há harmonia». O homem e a mulher «não são iguais, um não é superior ao outro, não. É simplesmente que o homem não traz harmonia: é ela que traz aquela harmonia que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bonita».

Portanto, «três trechos». Em primeiro lugar, «o homem sozinho, a solidão do homem sem a mulher; segundo, o sonho: nunca se pode entender uma mulher sem a sonhar antes; terceiro, o destino: uma só carne». «Aconteceu-me há alguns meses – disse Francisco – numa das audiências, ao saudar as pessoas que se encontravam atrás das barreiras, ter encontrado um casal que celebrava o sexagésimo aniversário de matrimônio: não eram muito idosos porque se tinham casado ainda jovens, deveriam ter cerca de oitenta anos, mas estavam bem, sorridentes». Ao vê-los o Papa perguntou-lhes qual dos dois teve «mais pa-



Ana Pardo, «A criação de Eva»

ciência» ao longo dos sessenta anos de casamento. É «eles que olhavam para mim, trocaram os olhares – nunca esquecerei aqueles olhos – depois voltaram a olhar para mim e disseram-me, os dois juntos: "Estamos apaixonados"». Eis, acrescentou Francisco, «depois de sessenta anos, isto significa uma só carne e é isto que traz a mulher: a capacidade de se apaixonar. A harmonia ao mundo».

«Muitas vezes – reconheceu o Papa – ouvimos dizer: "É necessário que nesta sociedade, nesta instituição, haja uma mulher para que faça isto, faça estas coisas"». Mas «a funcionalidade não é a finalidade da mulher: é verdade que a mulher deve fazer coisas e faz – como todos nós fazemos – coisas». Porém, «a finalidade da mulher é criar harmonia e sem a mulher não há harmonia no mundo». Sim, insistiu o Pontífice, «explorar as pessoas é um crime de lesa humanidade, é verdade, mas explorar uma mulher é mais do que isso: significa destruir a harmonia que Deus quis proporcionar ao mundo». Significa realmente «destruir, não é apenas um delito, um crime: é uma destruição, significa voltar para trás, destruir a harmonia».

«É este o grande dom de Deus: deu-nos a mulher» afirmou o Pontífice. E no trecho do Evangelho de Marcos, proposto hoje na liturgia, «ouvimos do que é capaz uma mulher» realçou Francisco, referindo-se à mulher cuja filha estava possuída por um espírito impuro. Uma mulher «corajosa» que «foi em frente sem recear, mas é mais do que isso, é mais: a mulher é harmonia, é poesia, é beleza». A ponto que «sem ela o mundo não seria tão bonito, não seria harmônico».



Sexta-feira  
10 de fevereiro

## Como se responde à tentação

Na debilidade das tentações, que mais cedo ou mais tarde todos temos – é suficiente pensar na tragédia da corrupção que começa sempre com as pequenas cedências – não se deve cometer a ingenuidade de se enredar no diálogo: ao contrário, é

preciso ter a coragem da oração e de pedir perdão para se reerguer e ir em frente, com a certeza de que a graça nos ajuda a não nos escondermos do Senhor. O que o Papa Francisco sugeriu na missa foi um «manual» prático essencial contra as tentações.

«Desde o início da criação, e também no início da recriação, como primeiro evento deu-se a tentação» recordou imediatamente o Papa, fazendo referência à primeira leitura, tirada do livro do Gênesis (3, 1-8): «Adão e Eva estavam no jardim terrestre com todos os dons que Deus lhes tinha dado, com a tarefa de ser guardas, de levar por diante a criação, e com amor. Com estas três coisas estavam ali para levar a sua vida e precisamente no início dá-se a tentação». Do mesmo modo, «a tentação chega», sempre «no início», quando «Jesus deixa Nazaré, se faz batizar, vai para o deserto rezar para começar a tarefa que Deus lhe tinha confiado». Por isso, observou Francisco, «quer na criação quer na recriação há a tentação».

«Ouvimos – prosseguiu – este trecho do livro do Gênesis, a primeira tentação, a de Adão e Eva». O texto bíblico «diz-nos» que «"a serpente era muito astuta": o diabo aparece em forma de serpente atraente e com a sua astúcia procura enganar: ele é perito nisto, é o "pai da mentira", assim lhe chama Jesus». O diabo, explicou o Papa, «é um mentiroso, sabe como enganar, sabe como burlar as pessoas». E assim «com a sua astúcia a serpente envolve Eva: faz com que se sinta bem, faz-lhe – por assim dizer – beber um pouco de água adoçada». A ponto que Eva «sente-se bem, confia, começa o diálogo e, passo após passo, leva-a onde quer».

O diabo, prosseguiu o Pontífice, tenta fazer «o mesmo com Jesus no deserto. Faz-lhe três propostas, mas este diálogo com Jesus acaba mal para o diabo: "Afasta-te de mim, Satanás!". Ao contrário «o diabo com Eva, não acaba bem para Eva: ganha Satanás!».

«Quando o diabo engana uma pessoa – afirmou o Papa – fá-lo com o diálogo, procura dialogar». É precisamente o que procura fazer também «com Jesus: "Tens fome, há uma pedra, tu és Deus, transforma-a em pão! Tu vieste para nos salvar a todos, uma vida de fadiga, de trabalho, mas anda comigo, vamos ao templo e lança-te sem paraquedas: farei um lindo espetáculo e todas as pessoas acreditarão em ti, e tudo se resolve numa meia hora!". Mas «Jesus não o faz». E assim no final o diabo «mostra o verdadeiro rosto: "Anda, vem!". E «mostra-lhe todo o mundo e propõe-lhe a idolatria: "Adora-me, eu dar-te-ei tudo isto!"».

Francisco focalizou a atenção sobre a atitude de Jesus que é tentado: não dialoga com o diabo, ao contrário «ouve o diabo e dá uma resposta, mas que não é sua: tira a resposta da palavra de Deus». E com efeito «as três respostas de Jesus ao diabo são tiradas da Bíblia, do Antigo Testamento, da palavra de Deus, porque com o diabo não se pode dialogar».

## Missas em Santa Marta



Ilya Repin, «A tentação de Cristo» (1903)

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

Ao contrário, com Eva, a tentação do diabo aconteceu de outra maneira. Era «ingênua», explicou o Papa, e no início a situação «parecia-lhe boa». Pensava «que se teria transformado numa deusa, é o pecado de idolatria»: por isso «foi em frente» com o diálogo. Mas acabou mal, diz-nos o Génesis: «Ela e o marido, sem nada». A questão, afirmou Francisco, é que «o diabo é um mau pagador, não paga bem: é um burlão, promete tudo e deixa-te nu». Claro, também «Jesus acabou despojado, mas na cruz, por obediência ao Pai: outro caminho».

Por conseguinte, insistiu o Pontífice, «a serpente, o diabo é astuto: não se pode dialogar com o diabo». Além disso, acrescentou, «todos nós sabemos o que são as tentações, todos sabemos porque todos as temos: tantas tentações de vaidade, de soberba, de cupidez, de avarizia, tantas!». Mas todas «começam» quando nos dizemos: «mas, pode-se...».

«Hoje fala-se tanto de corrupção» recordou Francisco, explicando: «Tantos corruptos, tantos peixes grandes corruptos que existem no mundo, dos quais conhecemos a vida através dos jornais, talvez tenham começado com uma pequena coisa, sei lá, não pôr o peso justo: o que era um quilo, não, façamos novecen-

tos gramas porque parece um quilo». Porque «a corrupção começa com pouco, com o diálogo», precisamente como acontece com Eva que se sente tranquilizar pela serpente: «Mas não, não é verdade que este fruto te fará mal, come, é bom, é pouca coisa, ninguém se dá conta, faz, faz!». E assim, «a pouco e pouco, cai-se no pecado, na corrupção».

«A Igreja hoje, com esta liturgia da palavra, ensina-nos «explicou o Papa – a não ser ingênuos, para não dizer parvos, a ter os olhos abertos e a pedir ajuda ao Senhor porque sozinhos não conseguimos». E depois, no trecho do Génesis, «há também uma palavra que é triste: Adão e Eva “escondem-se” do Senhor». Porque «a tentação te leva a esconder-te do Senhor e a ires embora com a tua culpa, com o teu pecado, com a tua corrupção, para longe do Senhor». Aquele ponto «é necessária a graça de Jesus para voltar e pedir perdão, como fez o filho pródigo». Eis por que «na tentação não se dialoga, reza-se: “Ajuda-me Senhor, sou frágil, não me quero esconder de ti”».

«Esta é coragem, isto é ganhar» concluiu Francisco. Porque «quando começa a dialogar acabas por ser vencido, derrotado». Eis então os votos de «que o Senhor nos conceda a graça e nos acompanhe nesta coragem e, se formos enganados pela nossa debilidade, na tentação nos dê a coragem de nos levantarmos e ir em frente: foi para isto que Jesus veio, para isto!».



Segunda-feira  
13 de fevereiro

### A história de Caim e Abel

Por um missionário especial, que na quarta-feira partirá para o Oriente, o Papa Francisco quis oferecer a missa deste dia. «Um pensamento de família», frisou o Pontífice, porque o missionário é o padre Adolfo Nicolás Pachón, ex-prepósito-geral da Companhia de Jesus. «Que o Senhor retribuía todo o bem que praticou e o acompanhe na nova missão: obrigado, padre Nicolás», disse Francisco dirigindo-se ao religioso que celebrou com ele.

Depois, na homilia, referindo-se à primeira leitura, tirada do livro do Génesis (4, 1-15,25), o Papa observou que «é a primeira vez que na Bíblia se diz a palavra irmão». A de Caim e Abel, explicou, «é a história de uma fraternidade que deveria crescer, ser boa» mas ao contrário «acaba destruída». E «a história, ouvimos, começamos com um pequeno ciúme: Caim, quando viu que o seu sacrifício não tinha sido aceite, ficou muito irritado e começou a cismar com aquele sentimento».

«Aquele irritação – explicou Francisco – não era só na alma, mas também no corpo: o seu rosto estava abatido». E eis que «o Senhor, co-

CONTINUA NA PÁGINA 12

Testemunho do cardeal Ernest Simoni vítima da perseguição na Albânia

## Perdoei os meus algozes

NICOLA GORI

Ameaças, perseguições, violências, depois as correntes da prisão: nada de tudo isto conseguiu debilitar o temperamento humano e espiritual de Ernest Simoni, o sacerdote albanês de 88 anos que recebeu a púrpura do Papa Francisco no consistório de 19 de novembro passado. O segundo cardeal na história do país das águias depois de Mikel Koloqi – também ele aprisionado pelo regime durante trinta e seis anos – concelebrou a missa em Santa Marta com o Papa Francisco na manhã de sábado, 11 de fevereiro e, à tarde, tomou posse da diaconia de Santa Maria «della Scala». Nesta entrevista a L'Osservatore Romano percorre as etapas mais significativas da sua vida, reconhecendo na púrpura recebida «um dom espiritual que me foi dado para o bem da Igreja e dos homens».

O que recorda do período da perseguição?

O primeiro pensamento que me vem à mente é que consegui superá-la com a ajuda da graça do Senhor na qual confiei. Tudo passou rezando, esperando e procurando chegar ao fim com a força que vem do amor de Deus. Nunca odiei os meus algozes. Fui preso a 24 de dezembro de 1963, na noite de Natal, durante a celebração da missa na igreja de Barbullush. Condenaram-se a 18 anos de prisão com esta motivação: «agitação e propaganda». Cumpri a pena nas prisões de Rubik, Vlorë, Laç, Elbasan, e depois dez anos na prisão de Spaç, onde trabalhei nas minas. Depois de 1990 e da recuperação da liberdade prestei serviço nas paróquias de Barbullush e de Trush, em Fushë Arrëz e onde quer que os fiéis me chamassem.

Teve momentos particularmente difíceis?

Recordo que em 1973, quando se deu a revolta na prisão de Spaç, também eu fui condenado ao fuzilamento juntamente com outros doze presos, com a acusação – falsa – de sermos responsáveis das desordens. Mas a *sigurimi*, polícia secreta, tinha filmado todas as fases da revolta e assim reconheceram a minha inocência e não fui morto. Outro momento muito duro foi quando me puseam as correntes e estava quase para morrer. Em 1981 fui libertado depois de ter cumprido a pena e trabalhei nos canais dos esgotos até 1990. Antes daquela data tinha prestado serviço nalgumas paróquias das aldeias: Kabash, Pukë, Kukël, Gocaj, Barbullush, Mal i Jushit, Torovicë, Sumë.



O abraço ao Papa em Tirana (21 de setembro de 2014)

Qual é hoje a situação da Igreja na Albânia?

Na Albânia houve um período muito difícil, sobretudo para a Igreja. Atualmente a situação é boa, o povo é devoto. Espero que haja um renovado impulso para levar todos os albaneses a Deus através da oração comum. Eu continuarei a servir o povo de Deus como sempre fiz para difundir o amor de Jesus e proclamar a salvação que vem unicamente dele. Na diocese, ocupo-me de alguns encontros. Por vezes celebro a missa na catedral ou na minha paróquia. Estou à disposição para celebrar onde me convidam e para dar os meus conselhos para que todos se aproximem de Jesus. Recomendo sempre a recitação do rosário a Nossa Senhora que deseja salvar o mundo.

Como recebeu a criação cardinalícia?

Para mim foi uma surpresa. Agradeço à Santíssima Trindade, a Nossa Senhora e ao Papa o dom espiritual que me foi concedido para o bem da Igreja e dos homens. Foi uma surpresa, não o esperava, e por isso rezo tanto para poder continuar esta missão ao serviço do povo de Deus.

O que mais o surpreendeu nos encontros que teve com o Papa Francisco?

Todos os Papas são grandes, mas Francisco tem um coração cheio de amor pelos pobres e sofredores. Neles ele vê Jesus. Quer levar a paz e a graça divina a todos e testemunhar que só Jesus é a salvação dos homens. Conservo gravado na mente e no coração o encontro que tive com ele durante a sua visita a Tirana, a 21 de setembro de 2014, na catedral. No abraço paterno o Papa moveu-se e eu com ele quando me estreitou a si. E conservo uma linda recordação também da visita a Assis, a 20 de setembro de 2016, quando estive à mesa ao seu lado.

## Missas em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

mo Pai, lhe fala: «Por que estás irado? E por que estás com o rosto abatido? Se praticares o bem, sem dúvida alguma poderás reabilitar-te. Mas se procederes mal, o pecado estará à tua porta; espreitando-te; mas, tu deverás dominá-lo».

No final, afirmou o Papa, «Caim preferiu o instinto, preferiu cismar com aquele sentimento, ampliá-lo, deixá-lo crescer. O pecado que depois cometerá, que estava escondido por detrás do sentimento, cresceu». Precisamente «assim – prosseguiu o Pontífice – crescem as inimizades entre nós: começam com algo pequeno, um ciúme, uma inveja e depois crescem e vemos a vida só a partir daquele ponto e o cisco torna-se para nós uma trave. Mas somos nós que temos a trave, está lá». E depois «a nossa vida roda em volta disto, destruindo o vínculo de fraternidade, a irmandade». Quando «somos dominados por este instinto aninhado no nosso coração, ficamos com o espírito esverdeado, como se diz: temos fel, como se não tivéssemos sangue, é assim». A tal ponto que «só conta aquela pessoa, o que feriu». Ficamos «obcecados, sentindo-nos perseguidos por ele, e desta forma cresce a inimizade e acaba mal sempre».

Resumindo, acrescentou Francisco, acabo por «me afastar do meu irmão: «Já não é meu irmão, é um inimigo, então deve ser destruído, mandado embora!»». E é exatamente assim que «se destroem as pessoas, assim as inimizades destroem famílias, povos, tudo». É «como corroer o fígado, sempre obcecado com aquilo». Aconteceu precisamente isto «a Caim que, no final, matou o irmão: «Não existe o irmão, só eu; não existe fraternidade, só eu!»».

O que «aconteceu no início – advertiu Francisco – pode acontecer a todos nós, é uma possibilidade». Por esta razão é um «processo» que «deve ser interrompido imediatamente, no início, na primeira amargura». É preciso interrompê-lo, porque «a amargura não é cristã: a dor sim mas a amargura não». Nem «o ressentimento é cristão. A dor sim, o ressentimento não». Contudo «quantas inimizades, quantas separações» há.

«Hoje estão aqui os novos párocos» disse o Papa referindo-se aos sacerdotes presentes, observando: «Também nos nossos presbitérios, nos nossos colégios episcopais, quantas fraturas começam assim!». E talvez nos perguntemos: «Por que a ele deram esta sede e não a mim? E por que isto?». Assim, com «pequenas ninharias, fraturas, destrói-se a fraternidade».

Face a esta atitude do homem «o que faz o Senhor?». O trecho do Génesis sugere que ele, como a Caim, «nos pergunte: Onde está Abel, teu irmão?». Para o Pontífice «a resposta de Caim é irónica: «Não sei. Sou porventura eu o guarda do meu irmão?». Mas há vontade de replicar: «Sim, tu és o guarda do teu irmão». Por sua vez «Caim teria podido responder: «Sim, sei onde está Abel, mas não sei onde está meu irmão, porque Abel não é meu irmão:

destruí aquela fraternidade»». Como quem diz: «Sei onde está aquele ou aquela ou aqueles: sei, mas não sei onde estão os meus irmãos». Com efeito, «quando se cai neste processo que acaba na destruição da fraternidade – explicou o Pontífice – podemos dizer: sei, sim, onde está aquele ou aquela, mas não sei onde está o meu irmão, a minha irmã, porque para mim não são irmãos nem irmãs».

Sobre este ponto, continua o Génesis, «o Senhor é forte: «Eis que a voz do sangue do teu irmão clama da terra por mim»». É verdade, continuou Francisco, que «cada um de nós pode dizer: «Padre, nunca matei ninguém, nunca!»». Contudo, «pensemos no Evangelho de ontem: se tens um sentimento mau em relação ao teu irmão, mataste-o, se insultas o teu irmão, mataste-o no teu coração». Porque «o assassinato é um processo que tem início a partir de algo pequeno, como aqui». Cada um de nós – «pelo menos eu insiro-me nesta lista» esclareceu o Papa – «pensa: quantas vezes deixei isto de lado, senti ciúmes, separei este». E ainda: «Quantas vezes, para dizer a verdade, disse ao Senhor: «Sei onde está aquele, mas não sei onde está o meu irmão»». É esta exatamente «a palavra que Deus nos dirige» e «não para conhecer um trecho de história ou de teologia bíblica».

«Também hoje – afirmou o Pontífice – a voz de Deus, não só a cada um de nós, mas a toda a humanidade, questiona: «Onde está o teu irmão? Onde está a tua irmã?». E a nossa resposta é: «Sei onde estão aqueles que sofrem bombardeamentos, que são expulsos, mas eles não são meus irmãos, destruí os vínculos». Ao mesmo tempo, «quantos poderosos da terra podem dizer: «A mim interessa este território, este pedaço de terra, se a bomba cai e mata duzentas crianças mas a culpa não é minha: é da bomba; a mim interessa o território»».

Portanto, acrescentou Francisco, «tudo começa com aquele sentimento que te leva a separar-te, a dizer ao outro: «Este é fulano, é assim, mas não é irmão»». E «acaba na guerra que mata». Mas, observou o Papa, «tu mataste no início; este é o processo do sangue e hoje o sangue de muitas pessoas no mundo da terra clama a Deus». «Tudo está ligado: aquele sangue está relacionado – talvez uma pequena gota de sangue – com a minha inveja, com o meu ciúme, fiz derramar quando destruí uma fraternidade: não é o número que destrói a fraternidade, é o que sai do coração de cada um de nós».

«O Senhor hoje – foram os votos do Papa – nos ajude a repetir esta sua palavra: «Onde está o teu irmão?»». E «cada um de nós» – sugeriu na conclusão Francisco como exame de consciência – pense «em todos aqueles que afastamos, dos quais falamos mal quando nos encontramos, ou destruímos com a língua». E «pensemos também em todos os que no mundo são tratados como coisas e não como irmãos, porque é mais importante um pedaço de terra do que o vínculo da fraternidade».



Terça-feira  
14 de fevereiro

### Cordeiros ou lobos?

Na festa litúrgica dos Santos Cirilo e Metódio, «bons arautos do Evangelho» que «arriscaram tudo» e «tornaram a Europa mais forte», o Papa Francisco refletiu sobre a «missionariedade da Igreja» e acerca das características que deve ter quem é «enviado a proclamar a palavra de Deus».

A meditação do Pontífice inspirou-se na oração da coleta do dia, na qual se pede «que todos os povos – todos os homens! – recebam a palavra de Deus e formem o santo povo fiel de Deus». E se para «formar o povo» é preciso «aceitar a palavra», então «são necessários semeadores de palavra, de missionários, de verdadeiros arautos». Como os Santos Cirilo e Metódio, padroeiros da Eu-

ragem – dirá, sim, algo interessante, algo moral, que fará bem, um bem filantrópico», mas nela não se encontrará a palavra de Deus. Deste modo será «incapaz de formar o povo de Deus», porque «só a palavra de Deus proclamada com esta franqueza, com esta coragem, é capaz de formar o povo de Deus».

A segunda característica do enviado emerge do trecho evangélico. Jesus diz: «A messe é grande mas os operários são poucos. Rogai ao Senhor da messe a fim de que mande operários para a sua messe». Comentou o Papa: «a palavra de Deus deve ser proclamada com orações», e isto deve ser feito «sempre». Com efeito, acrescentou, «sem oração, podes pronunciar um lindo discurso, dar uma boa instrução, muito boa, mas não é a palavra de Deus. Só de um coração em oração pode sair a palavra de Deus». Portanto, é necessária a oração «a fim de que o Senhor acompanhe esta sementeira da



Alfons Mucha, «Vítrol dos Santos Cirilo e Metódio» (Praga)

ropa, os quais «foram bons: arautos capazes, que anunciaram a palavra de Deus. E conseguiram anunciá-la até na língua daqueles povos, para que a entendessem».

Também nas leituras propostas pela liturgia se falava de missionariedade, com Jesus que envia os discípulos (Lc 10, 1-9) e com Paulo e Barnabé que são enviados (At 13, 46-49). Mas, perguntou Francisco, como deve ser «a personalidade de alguém enviado a proclamar a palavra de Deus?». Enumerou três características.

Antes de tudo «de Paulo e Barnabé diz-se que falavam com franqueza». Portanto a palavra de Deus deve ser anunciada «com franqueza, isto é, abertamente; inclusive com vigor, com coragem». São exatamente estas, explicou, as traduções da palavra grega usada por Paulo na Escritura: parrésia. Isto significa que «a palavra de Deus não pode ser anunciada como uma proposta – «mas, se gostares...» – nem como uma ideia filosófica ou moral, boa – «mas tu podes viver assim...»». Ao contrário, ela «deve ser proposta com franqueza, com vigor, para que penetre, como diz Paulo, até aos ossos».

De facto, se «a pessoa não tiver coragem – coragem espiritual, coragem no coração, se não for apaixonada por Jesus, é dele que vem a co-

palavra, para que o Senhor irrigue a semente e ela brote».

Por fim, do Evangelho emerge «um terceiro traço que é interessante». Lê-se: «eis que vos envio como cordeiros entre lobos». O que significa? «O verdadeiro pregador – explicou o Pontífice – tem consciência de ser débil, que não se pode defender sozinho». O enviado «entre os lobos» poderia objetar: «Mas, Senhor, para que me comam?». A resposta é: «Vai! Este é o teu caminho». A tal propósito Francisco evocou uma «reflexão muito profunda» de João Crisóstomo: «Se não fores como cordeiro, mas como lobo entre os lobos, o Senhor não te protegerá: defende-te sozinho». Isto é: «quando o pregador se considera muito inteligente ou quando quem tem a responsabilidade de levar em frente a palavra de Deus é astuto» e talvez pense: «ah, defenda-me destas pessoas!», então «acaba mal», ou «negocia a palavra de Deus: com os poderosos, os soberbos...».

Para corroborar este pensamento, o Papa narrou uma vicissitude («não sei se é verdadeira ou não – disse – mas ajuda a pensar»). Refere-se a uma pessoa «que se vangloriava de pregar bem a palavra de Deus, sentindo-se lobo: «Tenho a força, não

Um momento da visita do Papa a Auschwitz-Birkenau (29 de julho de 2016)



«Diante da violência exagerada que se alastra no mundo, somos chamados a um suplemento de não-violência», apostando na informação e na formação, na luta ao antisemitismo: foi o apelo lançado pelo Papa Francisco durante a audiência a uma delegação da Anti Defamation League, que teve lugar na manhã de 9 de fevereiro na sala dos Papas. Em seguida, o discurso do Pontífice.

Prezados amigos!

Dou-vos as boas-vindas e agradeço-vos as amáveis palavras que me dirigistes. Já os meus predecessores, São João Paulo II e Bento XVI receberam delegações da vossa organização, que mantêm relações com a Santa Sé desde o período do Concílio Vaticano II. É-me grato saber que estes contactos se vão intensificando: como bem sublinhastes, o nosso encontro constitui mais um testemunho, não só do compromisso comum, mas também do vigor benéfico da reconciliação, que purifica e transforma os relacionamentos. Por isso damos graças a Deus, que sem dúvida rejubila ao ver a amizade sincera e os sentimentos fraternais que hoje animam judeus e católicos; assim, com o Salmista, também nós podemos repetir: «Oh, como é bom, como é agradável os irmãos viverem unidos! [...] pois é ali que o Senhor derrama a vida e a bênção eterna» (Sl 133 [132], 1.3).

Se a cultura do encontro e da reconciliação gera vida e produz esperança, a não-cultura do ódio semeia morte e recolhe desespero. No ano passado eu visitei o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Não há palavras nem pensamentos adequados diante de semelhantes horrores da crueldade e do pecado; existe a oração, a fim de que Deus tenha piedade e para que tais tragédias não se voltem a repetir. Por isso, continuemos a ajudar-nos uns aos outros, como desejava o Santo Padre João Paulo II, a «habilitar a memó-

O Papa condenou o antisemitismo e reafirmou a importância da amizade entre católicos e judeus

## Juntos contra o ódio

ria a desempenhar o seu papel necessário no processo de construção de um futuro em que nunca mais seja possível a iniquidade indizível do shoah» (Carta de introdução ao do-

cumento *Nós recordamos: uma reflexão sobre o shoah*, 12 de março de 1998): um porvir de autêntico respeito pela vida e pela dignidade de todos os povos e de cada ser humano.

Infelizmente a atitude antisemita, que deploro mais uma vez, em todas as suas formas, como totalmente contrária aos princípios cristãos e a todas as visões que sejam dignas do homem, ainda hoje é difundido. Reitero que «a Igreja católica se sente particularmente na obrigação de fazer o que está ao seu alcance, juntamente com os nossos amigos judeus, para rejeitar as tendências antisemitas» (Comissão para as relações religiosas com o judaísmo, *Porque os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis*, 47).

Hoje, mais do que no passado, a luta ao antisemitismo pode dispor de instrumentos eficazes, como a informação e a formação. A tal propósito, agradeço-vos o vosso trabalho e por acompanhardes o combate à difamação com o compromisso na educação, na promoção do respeito por todos e na salvaguarda dos mais frágeis. Conservar o tesouro sagrado de cada vida humana, desde a concepção até ao fim, tutelando a sua dignidade, é o melhor modo de prevenir todas as formas de violência. Diante da violência exagerada que se alastra no mundo, somos chamados a um suplemento de não-violência, que não significa passividade, mas promoção concreta do bem. Com efeito, se é necessário extirpar a erva do mal, é ainda mais urgente semear o bem: cultivar a justiça, promover a concórdia, sustentar a integração, sem nunca se cansar; somente assim poderemos recolher frutos de paz. Encorajo-vos nisto, na convicção de que colocar à disposição os meios para uma vida digna, fomentar a cultura e favorecer em toda a parte a liberdade de culto, inclusive protegendo os fiéis e as religiões de todas as manifestações de violência e de instrumentalização, são os melhores antídotos contra a explosão do ódio.

Agradeço-vos também o diálogo que, a vários níveis, alimentais com a Igreja católica. Sobre o compromisso comum e sobre o nosso caminho de amizade e de confiança fraternal, invoco a Bênção do Todo-Poderoso: na sua bondade, que Ele nos acompanhe e nos ajude a produzir frutos de bem. *Shalom alechem!*

## Encontro com a comissão para as relações religiosas com os muçulmanos



Antes das audiências da manhã de quinta-feira, 9 de fevereiro, o Sumo Pontífice saudou os consultores da Comissão para as relações religiosas com os muçulmanos, instituída em 1974 como organismo distinto mas ligado ao Secretariado para os não cristãos, actualmente Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso.

## Missas em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

preciso de ajuda, não sou um cordeiro». Depois da sua pregação, tendo ido ao confessionário, veio ter com ele «um «peixe grande», um grande pecador», que «chorava, chorava, chorava» pelos «muitos pecados» e, arrependido «queria pedir perdão». Então o confessor, pensando que era por mérito da sua pregação, «começou a inchar-se de vaidade» e perguntou ao penitente: «Diga-me, qual foi a palavra que eu disse que mais o comoveu, na qual o senhor sentiu que devia arrepender-se?». E a resposta foi: «Quando o senhor disse: passemos para outro assunto».

É só uma anedota para explicar que «quando quem deve anunciar a palavra de Deus o faz seguro de si mesmo e não como um cordeiro, acaba mal». Se, pelo contrário, o fizer «como um cordeiro, será o Senhor que defenderá os cordeiros. Os lobos não poderão. Talvez te tirem a vida, mas o teu coração permanecerá fiel ao Senhor».

«Assim – concluiu o Papa – é a missionariedade da Igreja. Deste modo proclama-se a palavra de Deus. Assim são os grandes missionários, os que proclamam a palavra não como algo próprio mas com a coragem, com a franqueza que vem de Deus». São aqueles que «por se

sentirem insignificantes, rezam». Portanto «os grandes arautos que semearam e ajudaram a crescer as Igrejas no mundo, foram homens corajosos, de oração e humildes». De resto, acrescentou o Pontífice, «o próprio Jesus diz-nos: “E quando tiverdes feito tudo isto, dizeis: sou um servo inútil”. O verdadeiro pregador sente-se inútil porque entende que é a força da palavra que leva em frente o reino de Deus».

E convidou a rezar aos Santos Cirilo e Metódio, «padroeiros da Europa, arautos do Evangelho, para que nos ajudem a proclamar a palavra de Deus com coragem, oração e humildade».

Conversa com o patriarca de Alexandria dos coptas

## Pontes de diálogo no Egito

NICOLA GORI

Uma ponte de diálogo que deve contrastar o crescente fanatismo e fundamentalismo, num país de maioria muçulmana: é o papel que reservou para si a Igreja copta católica no Egito, cujos bispos realizaram nos dias passados a visita *ad limina Apostolorum*. Nesta entrevista a L'Osservatore Romano o patriarca Ibrahim Isaac Sedrak falou da necessidade de testemunhar os valores humanos e cristãos, procurando manter uma forte presença sobretudo nos campos da educação e da saúde.

*Quais são os principais desafios que deveis enfrentar?*

Em primeiro lugar, o diálogo. Quando falo do Egito não falo como cristão, mas como egípcio. A cidadania é importante para nós e procuramos frisá-la sempre, sobretudo nas relações com os nossos amigos muçulmanos, em particular com os de mentalidade aberta que tentam levar em frente o diálogo.

*Como é a vossa relação com eles?*

Hoje a situação mudou, há liberdade de expressão, embora não falem formas de controle, infelizmente. É óbvio que quando se fala da religião corre-se o risco de ferir a sensibilidade das pessoas e isto pode levar a reações até excessivas. O povo egípcio é muito sensível, mas quando vê que as pessoas usam violência sabe distinguir bem. A maioria da população não quer esta instrumentalização e sabe que o fundamentalismo não provém de Deus, não é uma religião. Precisamente por isso o Egito está a perder a sua

identidade, o seu caráter de país de antiga civilização. Então o povo reage.

*Onde é possível encontrar um terreno de encontro?*

No âmbito educativo. Infelizmente a sociedade egípcia sofre tantas carências neste campo. Temos mais de quarenta por cento de analfabetos. O problema principal é que pela falta de trabalho os pais não mandam os filhos à escola mas obrigam-nos a trabalhar. O que podemos fazer? Certamente as escolas católicas ajudam muito neste sentido, mas alcançam poucos setores da sociedade. Nestes institutos é organizado um *cours de vie* («curso de vida»), no qual são apresentados os valores humanos e cristãos partilhados, e sobre eles se reflete e se debate com as crianças. Os muçulmanos não vivem esta experiência como uma evangelização direta: sentem-se tratados com respeito e não com hipocrisia. Isto é importantíssimo. Mas ao lado do analfabetismo *tout court* há o analfabetismo religioso. No alto Egito, região muito pobre e abandonada, os irmãos muçulmanos são ativos. No passado houve acordos entre os governos e a fraternidade, a qual não devia ocupar-se de política, mas podia criar escolas internas nas quais se ensinavam coisas contra o país e a própria religião. Assim formaram-se gerações que não pensam e não se questionam, e são fechadas ao diálogo. Este facto provoca o fanatismo que num dado momento se exterioriza. Devo dizer que o caráter dos egípcios é pacífico, mas quando se toca a religião são muito sensíveis. Nós cristãos egípcios sabemos como nos comportar ao falar da religião e



quais são os temas partilhados sobre os quais dialogar.

*A que situações se somam os problemas provocados pela crise económica e quais são as consequências?*

A crise económica só piora as dificuldades. Até o turismo não levanta voo. Não há trabalho nem desenvolvimento industrial. O aumento da população apresenta novos desafios. A cada ano temos um milhão e meio de nascimentos. Isto leva a que nas escolas haja classes de cento e vinte crianças. Impossível aprender nessas condições. São problemas concretos que exigem respostas. A Igreja faz a sua parte. A escola católica é para todos, a atmosfera que se respira é tranquila. Os educadores são escolhidos de maneira objetiva. Pelo contrário, as escolas estatais não são capazes de satisfazer a necessidade educativa e portanto para a sua formação as crianças dependem sobretudo da família. Se uma delas vem de uma família de fanáticos, a primeira expressão que dirige a um coetâneo não muçulmano é: tu és cristão, por conseguinte és um infiel. Isto cria um problema. Antes episódios do género eram muito menos difundidos. Havia pessoas sábias que se opunham a este sistema e tinham a coragem de tomar posição. Hoje já não existem estas pessoas. Contudo, devo dizer que os egípcios, além da religião, no dia a dia

vivem as mesmas crises e dificuldades. E podemos ver isto quando acontece algo de deplorável, como o atentado de dezembro de 2016 à igreja copta ortodoxa de São Pedro no Cairo, no qual morreram trinta pessoas: naquela ocasião não só os cristãos choraram pelas vítimas, mas também muitos muçulmanos que não concordam com estes atos.

*Como estão inseridos os cristãos na sociedade?*

Existe uma palavra da qual não gosto: condescendência. Concede-se aos cristãos a liberdade de viver bem. Mas não é justo dizer isto. Sou egípcio, portanto não aceito esta conceção. Sou cidadão egípcio antes de ser muçulmano ou cristão. Nós valorizamos muito o conceito de cidadania. O presidente Al Sisi fala bem da cidadania e da diversidade. Várias vezes repete que elas são queridas por Deus. Devemos viver juntos sendo diversos. É o terceiro ano que o presidente visita os cristãos ortodoxos no Natal. Reconheço que houve um progresso nas relações, também graças aos muitos muçulmanos que trabalham nos meios de comunicação e esclarecem isto. Todavia, devemos admitir que para mudar a mentalidade é preciso tempo.

*Qual é a realidade da Igreja copta católica?*

Somos uma parte da minoria cristã no interior de uma população de cerca de noventa e um milhões de pessoas muçulmanas. A maior Igreja cristã numericamente é a copta ortodoxa, que conta cerca de doze milhões de fiéis. Os católicos são quase duzentos e cinquenta mil e um número igual de protestantes. Estas três Igrejas têm um conselho comum para fazer ouvir a sua voz ao governo e à população. Nós, coptas católicos, temos um sínodo composto pelo patriarca e por sete bispos, aos quais se acrescenta o patriarca emérito, cardeal Antonio Naguib. Há um projeto para aumentar o número dos bispos presentes no sínodo. Não obstante o número exigido de católicos, somos bem considerados na sociedade pelo trabalho desempenhado nos campos educativo, humanitário e caritativo. Temos cento e setenta escolas católicas e muitos hospitais. Dado que a nossa Igreja copta representa a maioria dos católicos, o seu patriarca é o presidente não só do sínodo mas também da Conferência episcopal egípcia, composta pelos bispos coptas e de outros ritos, isto é, latinos, greco-melquitas, arménios, caldeus e sírios. A nossa

No Brasil a pastoral nacional promove alternativas para a reclusão

## Reforma do sistema carcerário

Salvar a dignidade dos presos, lutar pela sua emancipação e pelo respeito dos seus direitos, mas também encontrar novos caminhos que prevejam alternativas à reclusão sistemática e a hipótese de despenalizar o uso de algumas drogas: a situação nas prisões brasileiras é explosiva, mas a Igreja católica, através dos organismos do setor, continua a oferecer o seu apoio sob forma não só de conforto moral e espiritual. Para tentar mudar a situação, o padre Valdir João Silveira, coordenador nacional da pastoral carcerária (organismo da CNBB), promove há tempos uma vasta reforma do sistema penitenciário e judiciário. Em 2013 a instituição assinou, juntamente com cerca de dez organizações não governamentais, uma agenda que contém uma série de medidas para o «desencarceramento», incluída a despenalização do uso de substâncias entorpecentes. «Não somos favoráveis às drogas mas a punição não é a solução», explicou o padre Silveira ao jornal francês «La Croix», evidenciando que é urgente «rever o modo em que se trata e julga a delinquência no Brasil».

Num país onde a guerra contra a droga causa dezenas de milhares de mortos todos os anos, sem resultados consideráveis, as alternativas à prisão encontram cada vez mais amplos consensos: «Não é uma posição oficial da Igreja – esclarece o coordenador nacional da pastoral – mas o debate está aberto, inclusive no âmbito da CNBB. Recentemente um bispo sugeriu a organi-

zação de um debate sobre a questão». A 19 de janeiro, numa nota intitulada «Não é crise, é projeto», a pastoral carcerária face aos massacres (causados por conflitos entre gangs) ocorridos em Manaus, Roraima e Rio Grande do Norte, reafirmou a própria posição propondo que se aprofundasse o trabalho em volta da citada *Agenda nacional pelo desencarceramento*.

Só para dar um exemplo, dentro da complexa penitenciária de Gericinó, no bairro Bangu no Rio de Janeiro, vivem mais de vinte e sete mil presos (demasiados em relação à capacidade oficial). Há treze anos, a presença da Igreja é garantida duas vezes por semana graças a Paulo César: «As terças e quintas-feiras animo grupos de oração com os presos. Falo-lhes do evangelho, procuro aplicá-lo à sua situação, explicar que há outra vida, distante do crime». A pastoral carcerária é um ponto de referência para os presos e os seus familiares, lá onde o Estado parece tê-los abandonado: «Tentamos resolver pequenos problemas: um preso que não recebe roupas novas há vários meses, que sente dificuldade na sua cela. Falamos com a direção, oferecemos também uma ajuda jurídica às famílias», recordou Paulo César. Contudo é difícil fazer algo contra o fenómeno das facções: «Os presos são obrigados a coabitar com as gangs e muitos acabam por fazer parte de uma delas».

# INFORMAÇÕES

## Audiências

*O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:*

A 9 de fevereiro

Os Rev.<sup>dos</sup> Padres Arturo Sosa Abascal, S.I., Prepósito-Geral da Companhia de Jesus; e Antonio Spadaro, S.I., Diretor de «La Civiltà Cattolica».

A 10 de fevereiro

Os Senhores Cardeais Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; George Pell, Prefeito da Secretaria para a Economia; e John Ribat, Arcebispo de Port Moresby (Papua-Nova Guiné).

A 13 de fevereiro

Os seguintes Prelados da Conferência Episcopal da Costa Rica, em visita «ad limina Apostolorum»: D. José Rafael Quirós Quirós, Arcebispo de San José de Costa Rica; D. Ángel San Casimiro Fernández, Bispo de Alajuela; D. José Francisco Ulloa Rojas, Bispo de Cartago; D. José Manuel Garita Herrera, Bispo de Ciudad Quesada; D. Javier Gerardo Román Arias, Bispo de Limón; D. Oscar Gerardo Fernández Guillén, Bispo de Puntarenas; D. Gabriel Enrique Montero Umaña, Bispo de San Isidro de El General; e D. Manuel Eugenio Salazar Mora, Bispo de Tilarán-Liberia.

## Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 15 de fevereiro

De D. Luigi Negri, ao governo pastoral da Arquidiocese de Ferrara-Comacchio (Itália).

De D. Francisco Javier Hernández Arnedo, O.A.R., ao governo pastoral da Diocese de Tianguá (Brasil).

## Nomeações

*O Sumo Pontífice nomeou:*

A 9 de fevereiro

Auxiliar da Arquidiocese de Hamburgo (Alemanha), o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Horst Eberlein, do clero da mesma Sede, até esta data Prepósito de Sankt Anna em Schwerin e Cónego não residente do Cabido Metropolitano, simultaneamente eleito Bispo Titular de Tisedi.

*D. Horst Eberlein nasceu a 25 de outubro de 1950, em Wälsleben/Altmark (Alemanha). Foi ordenado Sacerdote no dia 16 de abril de 1977.*

A 10 de fevereiro

Auxiliar de Palermo (Itália), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Giovanni Salonia, O.F.M. Cap., até esta data Responsável pela Formação Permanente para a Província Capuchinha de Siracusa, simultaneamente eleito Bispo Titular de Buthrotum.

*D. Giovanni Salonia, O.F.M. Cap., nasceu em Ragusa (Itália), a 27 de julho de 1947. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 3 de julho de 1971.*

A 11 de fevereiro

Enviado Especial da Santa Sé para Medjugorje, D. Henryk Hoser, S.A.C., Arcebispo-Bispo de Varsóvia-Praga (Polónia). A missão tem como finalidade obter conhecimento mais aprofundado da situação pastoral daquela realidade, sobretudo das exigências dos fiéis que ali vão em peregrinação e, com base nele, sugerir eventuais iniciativas pastorais para o futuro. Portanto, terá um carácter exclusivamente pastoral. Está previsto que D. Hoser, o qual continuará a desempenhar a função de Arcebispo-Bispo de Varsóvia-Praga, complete o seu mandato até ao próximo verão.

A 13 de fevereiro

Bispo de El Obeid (Sudão), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Yunan Tombe Trille Kuku Andali, do clero da mesma Diocese, até agora Reitor do Seminário Maior de São Paulo em Juba.

*D. Yunan Tombe Trille Kuku Andali, nasceu no dia 1 de janeiro de 1964, em Tojoro (Sudão). Foi ordenado Sacerdote a 7 de abril de 1991.*

Diretor do «Controle de gestão» da Administração do Património da Sé Apostólica, o Doutor Stefano Fralleoni, até esta data Contabilista-Geral da Prefeitura para os Assuntos Económicos da Santa Sé.

A 15 de fevereiro

Arcebispo da Arquidiocese de Ferrara-Comacchio (Itália), o Rev.<sup>mo</sup> Mons. Giancarlo Perego, do clero de Cremona, até agora Diretor-Geral da Fundação «Migrantes».

## Pontes de diálogo no Egito

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 14

Igreja tem também duas congregações religiosas: as irmãs egípcias do Sagrado Coração e as irmãs coptas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

*Como foi a visita ad limina?*

Graças à visita *ad limina* conhecemos melhor o Vaticano e os dicasterios. Celebrámos a missa com o Papa Francisco na capela da Casa Santa Marta e estivemos com ele por mais de uma hora. Sente-se que Francisco é um homem que sabe ouvir e se coloca em sintonia com a pessoa que está diante de si. No Egito é muito estimado não só pelos católicos, mas por toda a população. Mais de uma vez expressamos o desejo de que visite o nosso país. Desta vez entregamos-lhe um convite por parte do sínodo: seria deveras uma bênção para nós, como a visita de João Paulo II, que foi recebido calorosamente por todos os egípcios, inclusive pelos muçulmanos.

*D. Giancarlo Perego nasceu em Vailate (Itália), a 25 de novembro de 1960. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 23 de junho de 1984.*

Bispo da Diocese de Tianguá (Brasil), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Francisco Edimilson Neves Ferreira, até esta data Pároco da Catedral de Nossa Senhora da Penha em Crato.

*D. Francisco Edimilson Neves Ferreira nasceu a 3 de outubro de 1969 em Jardim, Estado do Ceará. Fez os estudos fundamentais na Escola de primeiro grau Dr. Romão Sampaio, em Jardim e frequentou a escola secundária no Centro Educacional Padre Aldeir, em Jardim. Completou o curso de Filosofia e de Teologia no Seminário Regional Nordeste 1, em Fortaleza. Foi ordenado Sacerdote no dia 12 de dezembro de 1997. Em seguida desempenhou os seguintes cargos: Pároco da paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Crato (1999-2003); Coordenador da Pastoral Diocesana (2000-2014); Vice-Diretor do Colégio Pequeno Príncipe (desde 1998); Membro do Colégio dos Consultores e do Conselho Presbiteral; Diretor Executivo da Fundação Padre Ibiapina; e Diretor Espiritual do Seminário diocesano São José.*

## Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

No dia 6 de fevereiro

D. José Gea Escolano, Bispo Emérito de Mondoñedo-Ferrol (Espanha).

*O saudoso Prelado nasceu no dia 14 de junho de 1929, em Real de Gandia (Espanha). Foi ordenado Sacerdote a 29 de junho de 1953. Recebeu a Ordenação episcopal em 8 de maio de 1971.*

## Os trabalhos do Conselho de cardeais

### Encerrada a décima oitava reunião

O exame daquela que foi definida «diaconia da justiça», ou seja, a atividade da Penitenciaria apostólica, da Assinatura e da Rota romana, entrou nos debates do Conselho de cardeais que na tarde de quarta-feira 15 de fevereiro concluiu a sua décima oitava reunião.

Depois da declaração de pleno apoio ao Papa e ao seu magistério que os conselheiros quiseram corroborar na segunda-feira 13, primeiro dia da sessão de encontros (a de segunda-feira foi a sessão número 100), os purpurados prosseguiram o confronto incluindo posteriores considerações sobre vários dicasterios, em particular sobre as Congregações para a evangelização dos povos e para as Igrejas orientais e sobre o Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso. Todos os membros do Conselho estiveram presentes durante os três dias de reuniões, sempre seguidas pelo Papa Francisco exceto na segunda-feira durante o tempo necessário para receber os bispos da Costa Rica em visita «ad limina», e na manhã de quarta-feira durante a audiência geral. Segunda e terça-feira os car-

No dia 7 de fevereiro

D. Luis Alberto Luna Tobar, Arcebispo Emérito de Cuenca (Equador).

*O venerando Prelado nasceu em Quito (Equador), no dia 15 de dezembro de 1923. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 23 de junho de 1946. Foi ordenado Bispo em 18 de setembro de 1977.*

No dia 8 de fevereiro

D. Patrick Mumbure Mutume, Auxiliar de Mutare (Zimbábue).

*O ilustre Prelado nasceu em Mutare (Zimbábue), no dia 31 de outubro de 1943. Foi ordenado Sacerdote a 3 de setembro de 1972. Recebeu a Ordenação episcopal em 17 de junho de 1982.*

D. Georges El-Murr, Arcebispo Emérito de Petra e Filadélfia dos greco-melquitas (Jordânia).

*O saudoso Prelado nasceu a 11 de outubro de 1930 em Ka'â (Libano). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 27 de julho de 1958. Foi ordenado Bispo em 23 de outubro de 1992.*

## Disposições especiais

*O Santo Padre decidiu:*

A 15 de fevereiro

Conceder o título de advogado rotal aos Senhores Cardeais Oswald Gracias, Arcebispo Metropolitano de Bombaim (Índia); Lluís Martínez Sistach, Arcebispo Emérito de Barcelona (Espanha); e Sua Beatitude Béchara Boutros Raï, O.M.M., Patriarca de Antioquia dos Maronitas (Libano).

deais conselheiros celebraram com o Pontífice na capela de Santa Marta.

Entre os temas tratados nesta sessão, esteve de novo o processo para a seleção dos candidatos ao episcopado. Um debate já iniciado anteriormente e que ainda deve chegar a um resultado definitivo a ser entregue ao Papa.

Como nas reuniões precedentes, o cardeal Pell referiu sobre o trabalho da Secretaria para a economia para a plena atuação da reforma económica, com particular atenção à atividade de formação dos funcionários e aos recursos humanos.

No que diz respeito à reforma das comunicações, na tarde de segunda-feira o prefeito da secretaria, monsenhor Viganò, informou sobre a unificação da Rádio Vaticano com o Centro televisivo do Vaticano, e falou sobre o plano para reestruturar as frequências de rádio, acerca das novas linhas-guia relativas ao mundo dos social networks e da reforma da Libreria editrice vaticana.

A próxima reunião será realizada de 24 a 26 de abril.



Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Desde a infância nos ensinam que não é bom orgulhar-se. Na minha terra, aqueles que se vangloriam são chamados «pavões». E é correto, porque orgulhar-nos daquilo que somos ou do que possuímos, além de uma certa soberba, revela também uma falta de respeito pelos outros, especialmente por quantos são mais desafortunados do que nós. Mas neste trecho da Carta aos Romanos, o Apóstolo Paulo surpreende-nos porque por duas vezes nos exorta a orgulhar-nos. Então, do que é correto orgulhar-se? Pois se ele exorta a orgulhar-se, é correto orgulhar-se de algo. E como é possível fazer isto, sem ofender o próximo, sem excluir ninguém?

No primeiro caso, somos convidados a *orgulhar-nos da abundância da graça que nos permeia em Jesus Cristo*, por meio da fé. Paulo deseja levar-nos a compreender que, se aprendermos a ver tudo na luz do Espírito

Santo, compreenderemos que tudo é graça! Tudo é dom! Com efeito, se prestarmos atenção, quem age – tanto na história como na nossa vida – não somos nós, mas antes de tudo Deus. Ele é o protagonista absoluto, que cria tudo como dádiva de amor, que tece a trama do seu desígnio de salvação e que o leva a cumprimento por nós, mediante o seu Filho Jesus. A nós pede-se que reconheçamos tudo isto, que o recebamos com gratidão e que o levemos a tornar-se motivo de louvor, de bênção e de grande alegria. Se fizermos isto, estaremos em paz com Deus e faremos experiência da liberdade. E depois esta paz propaga-se a todos os âmbitos e a todos os relacionamentos da nossa vida: estamos em paz conosco mesmos, estamos em paz em família, na nossa comunidade, no trabalho e com as pessoas que encontramos todos os dias ao longo do nosso caminho.

Mas Paulo exorta a *orgulhar-se também nas tribulações*. Isto não é fácil de entender. Para nós isso é mais difícil e pode parecer que nada tem a ver com a condição de paz há pouco descrita. Ao contrário, constitui o seu pressuposto mais autêntico e mais verdadeiro. Com efeito, a paz que o Senhor nos oferece e nos garante não deve ser entendida como ausência de preocupações, de desilusões, de faltas, de motivos de sofrimento. Se fosse assim, caso conseguíssemos estar em paz, esse momento acabaria depressa e inevitavelmente cairíamos no desânimo. Ao contrário, a paz que brota da fé é um dom: é a graça de experimentar que Deus nos ama e que está sempre ao nosso lado, não nos deixa sós nem sequer um instante da nossa vida. E isto, como afirma o Apóstolo, gera paciência porque sabemos que, até nos momentos mais difíceis e desconcertantes, a misericórdia e a bondade do Senhor são maiores do

que tudo e nada nos tirará das suas mãos e da comunhão com Ele.

Eis, então, por que a esperança cristã é sólida, eis por que *não desilude*. Nunca desilude. A esperança não desengana! Não está fundada no que nós podemos fazer ou ser, e nem sequer naquilo em que podemos acreditar. O seu fundamento, ou seja, o fundamento da esperança cristã, é o que de mais fiel e seguro pode existir, isto é, o amor que o próprio Deus alimenta por cada um de nós. É fácil dizer: Deus ama-nos. Todos o dizemos. Mas pensai um pouco: cada um de nós é capaz de dizer: estou convicto de que Deus me ama? Não é tão fácil dizê-lo. Mas é verdade. É um bom exercício, dizer a si mesmo: Deus ama-me. Esta é a raiz da nossa segurança, a raiz da esperança. E o Senhor infundiu abundantemente nos nossos corações o Espírito – que é o amor de Deus – como artífice, como garante, exatamente para que possa nutrir a fé dentro de nós e manter viva esta esperança. E esta segurança: Deus ama-me. «Mas neste momento difícil» – Deus ama-me. «E eu, que cometi esta ação feia e má?» – Deus ama-me. Ninguém nos priva desta segurança. E devemos repeti-lo como prece: Deus ama-me. Estou convicto de que Deus me ama. Estou convencida de que Deus me ama.

Agora compreendemos por que razão o Apóstolo nos exorta a orgulhar-nos sempre de tudo isto. Orgulho-me do amor de Deus, porque Ele me ama. A esperança que nos é oferecida não nos separa dos outros, e muito menos nos leva a desacreditá-los ou a marginalizá-los. Ao contrário, trata-se de uma dádiva extraordinária da qual somos chamados a tornar-nos «canais» para todos, com humildade e simplicidade. E então o nosso maior orgulho consistirá em ter como Pai um Deus que não tem preferências, que não exclui ninguém, mas que abre a sua casa a todos os seres humanos, a começar pelos últimos e pelos distantes a fim de que, como seus filhos, aprendamos a consolar-nos e a ajudar-nos uns aos outros. E não vos esqueçais: a esperança não desilude!

*No final da audiência, o Pontífice dirigiu aos fiéis, entre outras, as seguintes expressões.*

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa presentes nesta Audiência. Possa este encontro, que nos faz sentir membros da única família dos filhos de Deus, renovar a vossa esperança no Deus misericordioso que não exclui ninguém e nos convida a ser testemunhas do seu amor sobretudo para com os mais necessitados. Obrigados!

Aos participantes num fórum promovido pelo Ifad

## Pelos direitos dos povos indígenas nas suas terras

*Antes da audiência geral, num ambiente adjacente à sala Paulo VI, o Pontífice recebeu os participantes no 3º fórum dos povos indígenas, convocado pelo Ifad, aos quais dirigiu estas palavras.*

Prezados Amigos!

É-me grato encontrar-vos na conclusão dos trabalhos do 3º Fórum dos Povos Indígenas, convocado pelo Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola, cujo 40º aniversário se celebra este ano.

Reunistes-vos a fim de identificar as modalidades para uma maior responsabilização económica dos povos autóctones. Acho que o problema essencial é como reconciliar o direito ao desenvolvimento, inclusive o social e cultural, com a tutela das características próprias dos indígenas e dos seus territórios.

Isto é evidente sobretudo quando se vão estruturando atividades económicas que podem interferir com as culturas indígenas e a sua relação ancestral com a terra. Neste sentido, deveria prevalecer sempre o direito ao consenso prévio e informado, como prevê o art. 32 da *Declaração sobre os direitos dos povos indígenas*. Só assim é possível assegurar uma colaboração pacífica entre autoridades governamentais e povos indígenas, superando oposições e conflitos.

Um segundo aspeto refere-se à elaboração de linhas-guia e projetos que sejam inclusivos da identidade indígena, com uma atenção especial aos jovens e às mulheres. Inclusão e não apenas consideração! para os Governos, isto significa reconhecer que as Comunidades autóctones são um componente da população a valorizar e consultar, e cuja participação nos planos local e nacional deve ser favorecida. Não se pode permitir uma marginalização nem uma divisão em classes: primeira classe, segunda classe... Integração com plena participação.

Para este necessário *road map* pode contribuir eficazmente o IFAD com os seus financiamentos e a sua competência, reconhecendo que «um desenvolvimento tec-



nológico e económico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso» (*Laudato si'*, 194).

E vós, nas vossas tradições, na vossa cultura – porque o que oferecês à história é cultura – viveis o progresso com uma atenção especial à mãe terra. Neste momento em que a humanidade peca gravemente, deixando de cuidar da terra, exorto-vos a continuar a dar testemunho disto; e não permitais que novas tecnologias – que são lícitas e boas – mas não permitais aquelas que destroem a terra, que destroem a ecologia, o equilíbrio ecológico e que acabam por destruir a sabedoria dos povos.

Agradeço-vos de coração a vossa presença e peço ao Todo-Poderoso que abençoe as vossas Comunidades e ilumine a ação de quantos têm a responsabilidade do governo do IFAD. Obrigados!